

Plano de Intervenção em Espaço Rural
de
Entrada da Barca
(Zambujeira do Mar, Odemira)

Património histórico-arqueológico



Jorge Vilhena
com
António Martins Quaresma
Patrícia Bruno

Janeiro | 2020

Índice

1. Enquadramento do projecto	2
1.1. Localização.....	2
1.2. Geomorfologia	3
2. História local.....	4
3. Património edificado	9
4. Etnografia	14
4.1. Património etnográfico imaterial.....	14
4.2. Património etnográfico material	16
5. Arqueologia náutica	16
6. Arqueologia de meio terrestre	20
6.1. Situação de referência	20
6.1.1. Sítios arqueológicos abrangidos pelo PIER de Entrada da Barca	20
6.1.1.1. Atalaia do Porto das Barcas (CNS 18545)	20
6.1.1.2. Comentário.....	21
6.1.1.3. Jazida paleolítica de Palheirões da Regueira (CNS 7062).....	22
6.1.1.4. Comentário.....	23
6.1.2. Sítios arqueológicos na envolvente do PIER de Entrada da Barca.....	25
6.1.2.1 Sardão (CNS 37601).....	25
6.1.2.2. Sardão 1 – Vila do Sardão (CNS 37597)	26
6.1.2.3. Sardão 2 (CNS 37598)	27
6.1.2.4. Sardão 3 (CNS 37599)	28
6.1.2.5. Sardão 4 (CNS 37600)	29
6.2. Prospeccção realizada na área do PIER de Entrada da Barca	30
6.3. Novas ocorrências arqueológicas na área do PIER de Entrada da Barca.....	31
6.3.1. Entrada da Barca 1	31
6.3.2. Entrada da Barca 4.....	32
6.4. Novas ocorrências arqueológicas na envolvente do PIER de Entrada da Barca	32
6.4.1. Porto da Entrada da Barca / Calheta do Sardão.....	32
6.4.2. Entrada da Barca 2.....	34
6.4.3. Entrada da Barca 3.....	34
7. Valoração do património histórico, arqueológico e etnográfico de Entrada da Barca.....	35
7.1. Síntese dos valores patrimoniais identificados.....	35
7.2. Propostas para a protecção e valorização de património cultural.....	37
8. Bibliografia consultada	40
8.1. Imprensa	40
8.2. Cartografia	43
8.3. Páginas de internet.....	44
9. Documentação gráfica	45
10. Documentação fotográfica.....	53

1. Enquadramento do projecto

1.1. Localização

O pequeno porto de mar da Entrada da Barca situa-se 6 km a sul do Cabo Sardão e a 3 km a norte da Zambujeira do Mar, no concelho de Odemira (Figuras 1 e 8, Foto 1). Esta numa linha de costa pouco sinuosa, com uma parede contínua de arribas altas e escuras, talhadas a prumo sobre o mar (Foto 2).

Na costa do Sardão, são escassas, desabrigadas e perigosas as baías onde se pode aceder ao mar ou desde o mar. Os baixios junto das falésias são, para mais, ponteados por recifes dissimulados que sobem quase rente à superfície das águas.

Destaca-se, como excepção nesse sector de costa difícil e cerrada, a Entrada da Barca. Esta é uma pequena enseada de 100 x 100 m quase inteiramente inserida na parede de rocha e que foi escavada pela desembocadura no mar do Barranco dos Cavalos, uma pequena linha de água que drena a charneca envolvente.

O abrigo natural na reentrância das falésias oferece um pequeno espelho de águas calmas que, apesar de entrada difícil e perigosa entre rochedos, é praticável com bom tempo e mar calmo, permitindo ancorar ao resguardo dos ventos e da ondulação dos quadrantes norte, sul e leste (Fotos 3 e 4). O porto é também um dos poucos locais nesta costa onde é possível varar, na praia da foz do Barranco dos Cavalos, pequenas embarcações para (FERNANDES, s.d.: 90-91; *ENTRADA DA BARCA – GESTO Homo et Mare*, 2015).

Desde o século XIX, a utilização deste pequeno porto de pesca levou à progressiva edificação de algumas casas de pescadores, umas de carácter mais duradouro, do Posto Fiscal do Sardão e por fim, na segunda metade do século passado, de um pequeno aglomerado urbano onde coexistem barracas, casas de habitação e casas de férias (Foto 1).

Os terrenos em volta da Entrada da Barca são de charneca arenosa pouco produtiva, batida pelos ventos marítimos, mas que começou a ser intensamente explorada por agricultura industrializada nas últimas duas décadas.

A área abrangida pelo Plano de Intervenção em Espaço Rural (PIER) de Entrada da Barca inclui toda a zona edificada do aglomerado de casas e barracas existente de

ambos os lados do estradão que dá acesso ao porto, o conjunto do Posto Fiscal e terrenos agrícolas a nordeste. A zona de intervenção (ZI) visa o ordenamento e requalificação do lugar (Fig. 2). É promovido pelo Município de Odemira, com projecto da Polis Litoral Sudoeste, S.A.

Entrada da Barca é acessível pela Estrada Municipal 1558 (Zambujeira do Mar – Cabo Sardão), que dá ligação a um estradão de terra batida que atravessa o povoado e dá serventia ao porto de pesca por rampa asfaltada. Pertence à freguesia de S. Teotónio. Antes da última reformulação administrativa, integrava a área a extinta freguesia de Zambujeira do Mar, criada em 1990.

1.2. Geomorfologia

O Barranco dos Cavalos, que desagua no porto da Entrada da Barca, tem um curso com extensão de aproximadamente 3 km, sempre com direcção a sudoeste. A 500 m da foz no mar, recebe o Barranco do Sardão, um pouco mais extenso (4 km) e vindo de sueste. Juntos, drenam a planície litoral directamente para o oceano.

A parte vestibular do barranco corre para a foz no oceano a cotas muito baixas (< 5 m), num vale encaixado e pedregoso cuja base tem largura não superior a 50 metros (Foto 5). As marés não penetram neste troço vestibular da ribeira, que não tem características estuarinas. O ribeiro desagua quase despercebidamente no mar, encostado ao lado norte da enseada da Entrada da Barca.

A plataforma litoral da costa sudoeste inclina para poente e é aqui, como no geral entre os cabos Sardão e de S. Vicente, uniformemente alta sobre o mar, com falésias de xistos e grauvaques escuros com altura, neste sector, de 40 a 50 m a prumo. Encaixadas na base das falésias, as praias são muito poucas e estão na sua maioria cobertas por seixos cinzentos de grauvaque e quartzito desmontados das bancadas de rocha da plataforma de abrasão marinha e muito rolados pelo dinamismo da ondulação.

A plataforma litoral é drenada e dissecada por pequenos rios e ribeiras encaixados em entalhes mais ou menos estreitos e profundos de correm directamente para o oceano. A foz do Barranco dos Cavalos é uma das escassas aberturas na linha continua de falésias altas. A arriba é neste ponto um pouco menos elevada (36- 37 m) e a foz do ribeiro permite um dos poucos acessos fáceis ao mar.

O planalto que se segue às falésias é coberto por areias móveis mas sem formações dunares, e por depósitos de solos geralmente magros a muito magros, com vegetação predominantemente arbustiva e subarbustiva marítima que resiste à batida dos ventos salgados (Pereira, 1997).

O soco desta plataforma é composto por rochas do paleozóico da Zona Sul Portuguesa - Formação da Brejeira (Grupo do Flysch do Baixo Alentejo): turbiditos (grauvaques, quartzitos impuros, pelitos) de idade namuriana a westefaliana (Carbónico superior)¹. De ambos os lados da Entrada da Barca, os cortes no topo das arribas mostram a mesma sequência monótona identificada para o sector compreendido entre o Posto Fiscal do Sardão e os Palheirões da Regueira e com continuidade para sul (ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974: 408):

C.3 - Areia amarela clara (< 0,50 m.)

C.2 - Cascalheira (< 0,25 m.)

C.1 - Xistos grauváquicos, grauvaques e quartzitos do Carbónico

2. História local

por António Martins Quaresma, historiador²

A primeira referência documental à calheta está contida no códice do Museu da Cidade, Lisboa, *Descrição Relação do Reino de Portugal Segvndo Tratado*, da autoria de Alexandre Massai, engenheiro italiano ao serviço do rei de Espanha e Portugal. O códice está datado de 1621, mas o facto que relata ter-se-á passado alguns anos antes.

Descrevendo a costa a partir de Odeceixe, na direcção do Norte, Massai regista:

«Vindo çe continuando a costa *que* de ordinário he braba se / caminha por ella sem se achar pauoação mais *que* alguãs cazinhas pella terra a dentro de lavradores / E a duas legoás por esta *parte* do Oeste esta huã ponta *que* se diz o sardaão, E perto della esta huã angrazinha *que* eu vj indo á ella arrecadar sarta

¹ *Carta Geológica de Portugal*, Escala 1/ 200 000, folha 7, coordenador geral J. Tomás de Oliveira, Direcção Geral de Minas - Serviços Geológicos de Portugal.

² Licenciado em História (Univ. Coimbra, 1975) e doutorado em História (Univ. Évora, 2014), com vasta obra publicada sobre o Alentejo Litoral (livros, capítulos de livros, etc.), tem-se empenhado, ainda, na divulgação e na defesa do património cultural. E-mail: quaresma.am@gmail.com

fazenda de hũ / naufragio, por ordem do consselho da fazenda de sua Magestade e leuando comiguo homens do mar fui advertido do seguinte / A ditta angrazinha sera capas de 10 ou 12 barquos grandes e algũs bateis, - deste sitio dizem homens do mar e pescadores, *que oviraõ que alinpando çe alg/uãs pedras de pissara que nella ha será capás de se fabriquar huã ou duas Armaçois de atum e sardinha taõ boas como ás do Algarue, e daõ por isso por / rezaõ que o peixe de cursso busqua sempre na costa as pontas [...]. E que será asim mesmo de excelente pesquaria de muitas sortes de peixes, ô sitio em sj he forte e tem agóa de / beber, E com se fazer no ditto sitio huã atalja com álguãs cabanas será de bom rendimento a fazenda de Sua Magestade se devia mandar enformar sobre estes particular, proceder como parecer convem do serviço de sua Magestade que portanto eu o ávizo etc.»*

[GUEDES, 1989: 23-24]

Não subsiste dúvida que a “angrazinha” mencionada é a que estamos a tratar, até porque não existe no troço de costa na proximidade do Cabo Sardão qualquer outro recesso costeiro a que se possa aplicar a descrição do Engenheiro Massai. A algo entusiástica menção à “angrazinha”, cuja aptidão pesqueira era potenciada pela proximidade do Cabo Sardão, pode parecer excessiva quando ele fala na amplitude para 10 ou 12 barcos grandes e alguns batéis, mas não surpreende se ele se referir a barcos do tipo dos que se usavam nas armações.

Este acidente costeiro era designado por “Enseada do Sardão”, embora os moradores a passassem a designar, a certa altura, por “Entrada da Barca”, conforme está registado num relatório de 1817³:

«O commandante do 2.^o ponto principal do cordão (que deverá ser postado no cazal, ou monte dos Cavalleiros) he encarregado e responsável pela vegia e defeza de toda a costa, que corre desde a Barreira Ruiva (ou Porto da Lapa de Pombas inclusivamente) até ao Regato dos Cavaleiros, e deste até ao Pontal do Espigão, que fica junto da Enseada propriamente dita do Sardaõ, a que os habitantes chamaõ Entrada da Barca.»

Na verdade, o topónimo Sardão applicava-se à propriedade rural que inclui a angra e surge, em 1573, como a “defesa do Çardão”, pertencente ao Conde de Odemira [LOUREIRO, 1984: 93]. E, embora, um pouco antes, em 1560, o primeiro mapa

³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Junta de Saúde Pública, L. 29, *Instrucções para a Villa de Odemira*.

impresso de Portugal, de Fernão Álvaro Seco⁴, marque no local uma povoação (que fez escola na cartografia) chamada “Sardão” (Figuras 3 e 4), essa designação era exagerada; o que haveria era a “visibilidade” toponímica, talvez mais pela sua relação com o condado de Odemira do que pela importância populacional. Em todo o caso, na primeira metade do século XVII, já incluído na nova freguesia de São Teotónio, quando é possível observar “mais de perto”, verifica-se que existia um pequeno núcleo, bem individualizado, de moradores, ocupados na agricultura.⁵ Contudo, junto do litoral, nomeadamente da angra, não havia seguramente qualquer instalação humana.

Respeitante ao ano de 1886, A. A. Baldaque da Silva arrola a calheta entre os pequenos portos a sul do Sado, na realidade o único entre a foz do rio Mira e a de Odeceixe. Refere-a como “Calheta do Sardão”, próxima do cabo do mesmo nome, onde se abrigavam dois barcos de pesca de indivíduos de São Teotónio, que, durante o Verão, exerciam pesca costeira, à linha [SILVA, 1991: vol. I 144].

Até finais do século XIX, a pequena angra foi utilizada por um exíguo número de pescadores, com escassas artes, embora a sua utilização viesse, muito provavelmente, de finais do século XVIII. Antes disso, nos séculos XVI e XVII, o curso marítimo afugentaria os moradores da proximidade do mar e da faina da pesca, durante os meses de Verão, exactamente o período do ano em que o mar e o tempo permitiam a actividade. A sazonalidade caracterizou sempre a actividade haliêutica, em toda a costa e, por maioria de razão, dos diminutos refúgios costeiros [QUARESMA, 2006: 254, 276; *Id.* 2014: 52-53, 59; *Id.*, 2019: 97-111, 179].

Na cartografia produzida de finais do século XIX [Folha 34 da Carta de Portugal a escala métrica 1:100.000, de 1887, sob direcção de F. Folque e Folha 201 da Carta Agrícola “de Perry”, produzida entre 1890 e 1899] a meados do seguinte [Folha 45 da Carta de Portugal a 1:100 000, de 1965], a Entrada da Barca é assinalada com topónimo Porto das Barcas (Figuras 5, 6 e 8).

A primeira edificação de que temos notícia na Entrada da Barca é o Posto Fiscal do Sardão. Na *Carta de Portugal* (folha 34) de 1887, está marcado, mais ou menos no mesmo no local do existente hoje em dia, um edifício isolado com o topónimo “Posto Fiscal” (Fig. 5). O mesmo edifício é também representado, desta feita sem legenda, na Folha 201 da Carta Agrícola de G. Pery, publicada em finais do século XIX (Fig. 6).

⁴ *Portvgalliae que olim Lusitania, Nouissima et Exactissima Descriptio*

⁵ Arquivo Distrital de Beja, *Paraquiais, São Teotónio*, PT-ADBJA-PRQ-ODM09-003-M001, fl. 208 [referência de 1622].

Tendo a Guarda Fiscal sido criada em 1885, durante o último governo de Fontes Pereira de Melo, esta indicação parece indicar que o posto é contemporâneo dessa criação. Porém, no mapa da distribuição dos postos de Guarda Fiscal, de João SARMENTO [1995: 13], ele não consta. Fernandes [FERNANDES s.d.: 92], por seu turno, informa que o posto foi criado em 20 de Dezembro de 1891. Entretanto, elementos da guarnição do posto informaram-nos que este havia sido construído na década de 1920. Estas datas não coincidentes e mesmo contraditórias podem, talvez, significar que o posto pode ter sido criado numa data e edificado e guarnecido noutra, ou mesmo que o posto pode ter sido inicialmente uma construção inferior, que presumivelmente foi depois alterado ou reconstruído, sendo que o recinto do edifício de significativa dimensão ainda existente é, como a própria arquitectura do seu núcleo mais antigo revela⁶, de *ca.* 1920.

Na primeira metade do século XX, a “Charneca” de Odemira, extensa faixa litoral, de solos em geral pobres, em grande parte coberta por matos, foi arroteada e preenchida por culturas arvenses, favorecendo o aumento da ocupação humana. Simultaneamente, a afluência balnear, em crescimento, esteve na base do incremento de pequenas povoações, como Zambujeira do Mar (que, em 1862, tinha 2 fogos; em 1911, 11 fogos; em 1940, 111 fogos; e, em 1960, 282 fogos⁷). Na segunda metade do século XX, com o Aproveito Hidroagrícola do Mira (1963-1973), a Charneca entrou numa fase: o Perímetro de Rega ocupou grande parte da sua superfície e deu origem a uma agricultura intensiva e empresarial.

Verifica-se que o aumento populacional originou, neste período, acréscimo do número de braços de trabalho e de bocas. A própria população flutuante dos “banhistas” aumentava a pressão de procura de alimentos, que podia também incidir nos recursos do mar, numa altura do ano em que a pesca era possível. Algumas obras públicas, em particular a construção da rede de canais do sistema de regadio do Perímetro de Rega do Mira, contribuíram também para esse aumento.

O acréscimo do número de botes na Entrada da Barca / Calheta do Sardão trouxe para o local maior quantidade de pescadores, que, para recolha dos apetrechos e para seu abrigo pessoal, foram construindo barracas, confeccionadas com uma diversidade de materiais mais ou menos precários, por vezes resultantes de reaproveitamentos. Não encontramos, porém, menções dessas barracas antes da segunda metade do século XX.

⁶ Informação da arquitecta Patrícia Bruno, cf. adiante 3. *Património Edificado*

⁷ Dados extraídos de Censos decenais e

O Comandante Soares Fernandes refere, a partir de informações orais de velhos pescadores do lugar, que já no final do século XIX viviam alguns, dos quais existem ainda moradores descendentes (FERNANDES, s.d.: 91). O Cadastro de 1947 revela a existência de algumas edificações em alvenaria, entre as quais a do posto da Guarda-Fiscal (edificado na década de 1920⁸) que ainda podemos identificar no local, mas o aglomerado de barracas não figura (Fig. 7).

Para além da pesca, outra actividade praticada na costa de S. Teotónio era o contrabando, de que existe memórias de «rocambolescas histórias» e complexas interacções com a guarnição do Posto Fiscal da Entrada da Barca (Fernandes, s.d.: 92).

Em fotografia aérea de 1969 (Figura 9) que faz parte do levantamento levado a cabo pela Força Aérea Portuguesa (FAP), é notável a existência, junto ao caminho, de um conjunto de construções em que se distinguem o posto da Guarda-Fiscal e, na proximidade, uma fileira que corresponderá a casas de alvenaria ainda existentes. Na ponta, mais a norte, surgem também algumas construções de carácter permanente. No entanto, no outro lado do caminho, não existia, na altura, qualquer ocupação. A mesma situação é figurada na folha 45 da Carta de Portugal a escala 1: 100 000, publicada em 1965 (Fig. 8).

Conclui-se que a cronologia do núcleo existente, na maior parte, no lado direito do caminho (para quem se dirige para o ancoradouro), é mais tardia do que a restante ocupação. Ter-se-á iniciado na década de 1970 e desenvolvido a partir daí.

Actualmente, apesar de o número de botes que utilizam a calheta ter sofrido drástica redução — em 1980 tinha cerca de 40 botes, hoje, apenas oito ⁹ (Foto 6), o aglomerado, constituído por dois restaurantes e um conjunto habitacional, em boa parte edificado de madeira (embora já com alguma utilização de tijolo e cimento) e coberturas de “chapa” ou fibrocimento, com características de precariedade, encontra-se consolidado (Fotos 7 e 8).

⁸ Conforme informação de elementos da sua guarnição.

⁹ Informação prestada por António Maria Porfírio “Russo”, pescador reformado, morador no lugar (Dezembro de 2019).

3. Património edificado

[com Patrícia Bruno, arquitecta¹⁰]

Actualmente, verifica-se a existência, na zona norte e nordeste da área de intervenção do PIER da Entrada da Barca, de um aglomerado denso e pouco organizado de edificações de génese espontânea. Estas construções são, na sua maioria, de carácter precário e edificadas com materiais reaproveitados (contraplacados e aglomerados de madeira, tabuado, chapas de fibrocimento, tijolos e telhas cerâmicas, etc.). São utilizadas como abrigos e arrumo de apetrechos de faina ou mesmo habitações temporárias de pescadores. Este conjunto edificado impõe a impressão urbanística mais marcante do lugarejo e foi constituído, como referido acima (v. supra 2. História), desde a década de 1970 devido ao aumento da utilização do porto de pesca (Fotos 1, 7 e 8).

Todavia, a construção de edificações na Entrada da Barca é mais antiga em algumas décadas que o supra-referido núcleo central. O povoado de pescadores instalados no local teve início a sudoeste do actual aglomerado de barracas, no lado poente do caminho de acesso ao porto, com construções que eram originalmente de alvenaria de pedra. Essas primeiras casas da Entrada da Barca estão, excepto duas, actualmente muito transformadas, mas ainda existem e são moradias de habitação principal e sazonal de pescadores ou frequentadas por forasteiros para férias. Estão dispostas em dois grupos separados. O primeiro conjunto, que é possivelmente o mais antigo, está na entrada da povoação e é a fileira de casas em banda paralela ao lado leste do recinto do Posto Fiscal (recinto estatal que, na dimensão actual, data da década de 1920, com edifícios acrescentados posteriormente no interior), todas com fachadas abertas a nascente, portanto, de costas voltadas ao posto e ao poente, possivelmente para aproveitar a volumetria maior do edifício estatal como barreira aos ventos dos quadrantes oeste e noroeste (a “nortada” marítima). O segundo núcleo de casas mais antigas é constituído por quatro edifícios de alvenaria, dispostos em planta em “L”, que está nos dois lados do caminho para a Ponta da Santa. Nestas casas, as fachadas são orientadas a sueste e a nordeste.

Todas estas casas de alvenaria estão já representadas na planta cadastral de 1947 (Fig. 7), mas ainda não na cartografia do final do século XIX (Fig. 5 e 6). A génese desse edificado estará num pequeno aglomerado espontâneo, uma das

¹⁰ Licenciada em Arquitectura (Univ. Téc. Lisboa, 1995), mestre em Recuperação de Património Arquitectónico e Paisagístico (Univ. Évora, 2001) e doutorada em História, na especialidade de Pré-história (Univ. Lisboa, 2011), tem experiência em projecto e direcção de obras de conservação e reabilitação de edifícios antigos e imóveis classificados. E-mail: pbruno.pat@gmail.com

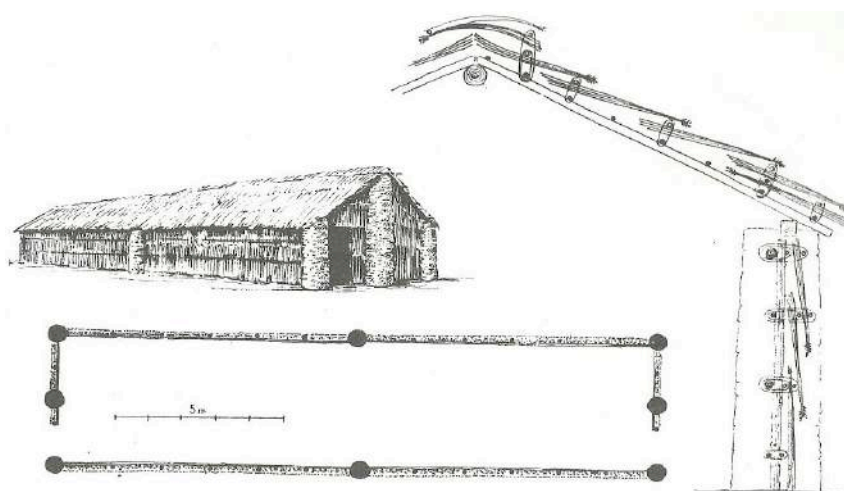
muitas colónias de pescadores que pontuavam o litoral, que foi criado a partir de algumas construções do tipo cabana ou casa de pedra da meia dúzia de marítimos que utilizavam o porto da Entrada da Barca em inícios/meados do século passado (informação do sr. António Maria Porfírio “Russo”, pescador reformado); FERNANDES (s.d.: 91) recolheu informação que algumas edificações de pescadores começaram no final do século XIX. Segundo informadores locais (António “Russo”, Luís Modesto e Sílvia João), todas essas casas mais antigas eram de pedra com coberturas de estorno.

A planta cadastral de 1947 (Fig. 7) mostra ainda três outras casas isoladas na Entrada da Barca. Uma situar-se-ia sensivelmente no local do actual Restaurante Traquinas, no entroncamento da estrada municipal com o ramal para a Entrada da Barca. Outra seria onde agora está do Restaurante “O Sacas”, situado mais a norte do aglomerado de barracas e já perto da rampa asfaltada que desce para o porto (este caminho foi aberto com maquinaria sobre o carreiro antes existente no início da década de 1980, quando foram iniciadas as obras de melhoria dos portos de pesca do concelho, cf. informação do antigo presidente de câmara entre 1976 e 1992, Dr. Justino Abreu dos Santos). A terceira casa de pedra isolada estava situada na margem esquerda da foz do Barranco dos Cavalos, junto ao porto e, segundo informações locais, e pertenceria aos Serrões (família de Odemira). A planta cadastral não discrimina o tipo de construção (alvenaria ou materiais vegetais), sendo que ambos os restaurantes são actualmente construções mistas de alvenaria recente e madeiras ou tabuado. Os proprietários do “Sacas”, Luís Modesto e Sílvia, referem que a casa, originalmente armazém de pescador, tinha cobertura de materiais vegetais.

Foi possível aceder a uma antiga fotografia das construções da Entrada da Barca, datada da década de 1960, que foi cedida por António Jorge Campos, da Câmara Municipal de Odemira, a quem muito se agradece (Foto 9). A imagem a preto e branco do álbum de família mostra, por trás das pessoas fotografadas (pescadores e um guarda fiscal), as fachadas, voltadas a nascente, de duas casas de planta ortogonal geminadas. As casas têm volumetrias diferentes, mas ambas tinham paredes com combinação de aparelho alvenaria de xisto grauváquico irregular e elementos vegetais. As coberturas, de duas águas, estavam inteiramente fabricadas de feixes ou molhos de fibras vegetais, provavelmente estorno ou *braceja*¹¹, assentes no sentido das pendentes das águas. Uma das casas da fotografia tem também a metade superior da parede de fachada e a da empena

¹¹ Não nos foi possível perceber se se trata da mesma planta que tem o nome comum estorno [*Ammophila arenaria*], ou de espécies diferentes.

[visível acima da cobertura da casa do lado] cobertas ou revestidas com o mesmo sistema de fibras vegetais. É possível que a parede frontal e/ou a da empena não fossem inteiramente construídas até ao topo com aparelho de pedra, deixando vãos na parte superior dos alçados que eram preenchidos com painéis de estorno. Um sistema particular, em que toda a estrutura da cobertura de estorno de uma casa alongada com paredes também de estorno se apoiava em moirões de alvenaria de pedra localizados nos cantos e ao longo dos alçados laterais, foi registado pela literatura etnográfica em meados do século passado na Zambujeira do Mar (OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1988 [1969]: 239-240 des. 71). Não seria muito diferente da casa da Entrada da Barca registada na fotografia antiga apresentada.



Cabana com cobertura de materiais vegetais de Zambujeira do Mar, décadas de 1950-60
(in Oliveira, Galhano e Pereira, 1989[1969]: Des. 71)

Sob a cobertura vegetal, a estrutura de madeira (pinho ou eucalipto) da casa à esquerda na fotografia da Entrada da Barca parece composta por pernas (ligadas e apoiadas a frechais sobre prumos dos tabiques e/ou sobre paredes de alvenaria de pedra), madres e pau de fileira, sobre os quais assentariam as varas e, eventualmente, o "ripado", de canas. São visíveis, na foto:

- Um prumo vertical, pertencente à parede de tabique da empena e, eventualmente, a parte da parede frontal, que poderá ser mista – de alvenaria de pedra na base ou parte inferior e de tabique, na parte superior;
- Um frechal, sobre esse prumo e a parede frontal;
- Uma perna, da estrutura da cobertura.

Sobre o "ripado" de canas seria colocado o estorno. Para defesa do vento, as medas de estorno eram, como é perceptível na foto, fixadas por amarrações a fiadas paralelas de canas dispostas no sentido longitudinal da cobertura, por sua vez solidamente atadas, através do estorno, às peças da estrutura de madeira. Este

tipo de fixação de cobertura e de fecho das empenas era comum na arquitectura popular de construções de fibras vegetais no Sul do país (BRUNO e FARIA, 2010; PRISTA, 2014).

As construções de planta ortogonal, com paredes e coberturas diferenciadas inteiramente revestidas por fibras vegetais, foram amplamente registadas nas comunidades piscatórias do Litoral Alentejano (Sado, Santo André), em meados e finais do séc. XX, sendo, no entanto, escassas as referências, no Sul, a construções de plantas rectangulares com paredes de pedra e cobertura de materiais vegetais (OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1988 [1969]: 189-264; BRUNO e FARIA, 2010). Referiram os autores que este tipo de construção poderia evidenciar uma evolução, “no sentido da utilização de materiais mais duradouros” (*Ibidem*).

Foi possível identificar no terreno, por exame visual e informações orais, as duas casas patentes na referida fotografia antiga (Foto 9) da Entrada da Barca. São as duas casas geminadas (Foto 10), com eixo maior a sudoeste – nordeste, que estão mais próximas do pequena edícula da chamada Ponta da Santa (coordenada geográfica aproximada N37°33'01,5" W8°47'33,2" = Coordenadas Ponto Central M= - 058276,60 P= -234894,00). Na planta cadastral de 1947, apenas uma está figurada, pelo que a outra, entretanto demolida e reconstruída, seria de construção posterior. Em ambas, as coberturas são agora de materiais sintéticos recentes. E apenas a casa do lado norte mantém as paredes de aparelho irregular de pedra de local (xistos grauváquicos, grauvaques, pelitos, quartzitos impuros) ligada com terra argilosa; a outra casa ou cabana (a mais alta na fotografia) foi inteiramente refeita com materiais de construção industriais (Foto 11). As restantes duas casas do conjunto próximo da Ponta da Santa são também de construção ou reconstrução recente.

De acordo com os relatos orais, todas as primeiras casas da Entrada da Barca anteriores ao conjunto de barracas que se desenvolveu desde a década de 1970 seriam da tipologia descrita: planta ortogonal, paredes de pedra nua sem revestimento nem caiação e cobertura vegetal de duas águas. Até ao final do século XX, os materiais de construção destas casas mais antigas foram sendo gradualmente substituídos: as paredes de pedra foram completamente revestidas com reboco de cimento pintado com tintas sintéticas ou substituídas por alvenarias de tijolo cerâmico furado, e os revestimento das coberturas são agora todos de chapas de fibrocimento ondulado, zinco ou telhas cerâmicas, mantendo-se apenas alguns madeiramentos nas estruturas de suporte.

Na banda de casas paralela ao Posto Fiscal, existe ainda uma casa — a mais setentrional deste núcleo — onde são visíveis as paredes de alvenaria de pedra local nua (sobretudo xisto grauváquico ou grauvaque) assentes com argamassa à base de argila. A sua cobertura é, actualmente, revestida por chapas onduladas de fibrocimento, à semelhança de muitas das restantes edificações da área de intervenção do PIER de Entrada da Barca. Até inícios/meados da década passada, a casa manteve uma falsa cobertura de fibra vegetal sobre as telhas modernas, que posteriormente foi removida (Foto 12). Segundo informações obtidas, o abandono das coberturas de estorno sobre telhas, que os locais pretendiam manter ou recuperar, prendeu-se com a interdição legal de apanha de estorno.

Sabe-se que uma cabana do litoral feita inteiramente ou em parte com materiais vegetais poderia manter-se em bom estado durante vinte anos; para além desse prazo, a frequência de reparações necessárias no revestimento tornava mais vantajosa a reconstrução total de toda a estrutura. Os maiores inconvenientes das coberturas de fibras vegetais eram a fraca impermeabilidade sob chuva forte e a necessidade de substituição/reparo de zonas apodrecidas ou levantadas pelo vento. O desmanchar pelas ventanias e o perigo de incêndio completo das estruturas eram os grandes riscos que este sistema de cobertura tradicional acarretava (OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1988 [1969]: 198, 291). Numa das casas da fotografia antiga da Entrada da Barca, observa-se, precisamente, um sector do beirado de estorno desprendido devido ao soltar da amarração ou quebra da cana de fixação. Soares Fernandes refere que, por mais de uma vez, o aglomerado de cabanas e barracas da Entrada da Barca foi completamente destruído por incêndios, com perda completa das habitações, do seu recheio e dos apetrechos de pesca também guardados no interior (FERNANDES, s.d.: 91).

A complexidade das características técnicas e o saber técnico artesanal necessários para as formas de construir com materiais vegetais, desde os pormenores dos sistemas de armação e revestimento de paredes e, sobretudo, das coberturas (artes de fecho das cumeadas e prisão das juntas das duas águas, processos de defesa das coberturas contra o vento, etc.), implicavam a existência de indivíduos práticos e familiarizados com este tipo de construção antiga. O que se afigura pouco coadunável com construção feita por veraneantes de recreio, mesmo que em busca de “ruralidade” (PRISTA, 2014: 19, 82-83; OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1988: *passim*).

Caso a caso, telhado a telhado, desapareceram da Entrada da Barca as casas com cobertura de estorno. Tal terá sido reflexo do processo normal de desenvolvimento

material das localidades desde a décadas de 1970/80, neste caso uma comunidade de pescadores que optou, tanto nos casos em se construíram novas barracas, como naqueles poucos em que se mantiveram as casas de pedra, pela transição a materiais, novos ou reaproveitados, mais económicos, duráveis e que proporcionam melhor conforto. Aqui, como noutros locais do litoral, também a urbanização de veraneio contribuiu para arredar da paisagem as velhas cabanas dos marítimos, talvez porque «é igualmente antiga e recorrente a sua associação à pobreza e à precariedade de instalação» (PRISTA, 2014: 89, 75, também PEIXOTO, 1990¹²: 77; OLIVEIRA e GALHANO, 1992).

Um outro elemento patrimonial edificado na Entrada da Barca merece também alguma atenção. O complexo do Posto Fiscal do Sardão, afecto à Unidade de Controle Costeiro da Guarda Nacional Republicana, tem ainda pelo menos um edifício original da década de 1920 [cf. planta cadastral de 1947 – v. Fig. 7]. Situado na entrada do recinto, devoluto e já em processo de degradação, ostenta, a par de soluções construtivas da época, como lajes de tijolos cerâmicos com armaduras de varões de aço liso, uma arquitectura sóbria, típica linguagem da Casa Portuguesa que se enquadra no período imediatamente anterior ao Estado Novo (e ao chamado estilo "Português Suave"). Esta arquitectura foi adoptada pelo Estado para diversos programas de obras públicas e equipamentos, já na procura de um "estilo nacional". São patentes no Posto Fiscal do Sardão soluções estilísticas que preconizavam essa arquitectura "pitoresca" de época, com telhados com beirado e duplo beirado, vãos, átrio de entrada coberto e outros elementos de fachadas guarnecidos com molduras e cantarias (Foto 13). Desconhece-se o autor do projecto.

4. Etnografia

4.1. Património etnográfico imaterial

Um velha lenda tópica e etiológica ainda contada na área alude a uma mítica Vila do Sardão, povoação que teria existido em tempos junto da Entrada da Barca. A lenda foi recentemente publicada (FERNANDES, s.d.: 446-447) em forma mais simplificada e modernizada, depois de ouvida a moradores idosos de São Teotónio:

¹² Texto «Habitação – os palheiros do litoral», primeiro publicado em 1899.

«Lenda da Vila do Sardão

Para uns seria romana, para outros árabe. Localizar-se-ia no planalto entre o Cabo e a Calheta do Sardão e diz a lenda que a Vila terá sido, em épocas remotas, destruída por um violento sismo. Contava-se mesmo que, ao serem ali arados os terrenos, eram ainda descobertos restos dos caboucos de casas pertencentes a essa vila e também que, ao serem semeados os cereais em determinada zona os mesmos ganhavam mais força que à sua volta porque, nesses locais seria, diziam, a zona do cemitério».

Nós próprios ouvimos, sem oportunidade de registar em áudio ou vídeo, versões da mesma narrativa em 2015 (*NARRATIVAS LIGADAS AO MAR – GESTO *Homo et Mare**, 2015). Uma foi contada pela Sr.^a Rosa Pereira Alexandre, de Zambujeira do Mar, na altura quase octogenária e que cresceu no *monte* do Zambujeiro do Sardão, 1,2 km a leste da Entrada da Barca, muito perto do local onde se dizia ter existido a tal povoação da Vila do Sardão. A senhora recordava que, em criança, ouvia aos mais velhos dizer que num ponto preciso da propriedade se encontravam os vestígios da Vila do Sardão, com a diferença de que na sua versão da história, a dita vila desapareceu porque «foi arrasada» ou «afundada pelo mar». Segundo outra versão [contada em 2015 pelo Sr. António Cabrita Reis “Cardeira”, pescador, já falecido, de Zambujeira do Mar], os habitantes da dita vila teriam sido «levados pelo mar». Esta última versão pode ser memória longínqua de um episódio de ataque de corso marítimo a moradores na costa da Zambujeira do Mar, raides frequentemente repetidos, ano após ano, até ao século XVII e de que era comum resultar, ou ser mesmo objectivo, o rapto de pessoas por corsários magrebinos (QUARESMA, 2006: 254, 276; *Id.* 2014: 52-53, 59; *Id.*, 2019: 97-111, 179). Também as lendas de cidades submersas no passado remoto são frequentes em todo o litoral ocidental da Península e, no imaginário popular, explicam, como efeitos de dilúvios e tormentas marítimas excepcionais enviadas como castigo pelas divindades, as descobertas de vestígios soterrados de povoações abandonadas (PEIXOTO, 1995: 87). A “Vila do Sardão” é, portanto, uma lenda tópica, de aplicação a um local geográfico preciso, e etiológica, porque explica um fenómeno particular observado ou sentido nesse mesmo local.

A prospecção arqueológica desse local específico onde a D. Rosa e o Sr. António “Cardeira” afirmaram ter sido a Vila do Sardão permitiu a identificar as jazidas arqueológicas de período medieval, Sardão 1 [CNS 37597], e de período romano Sardão 3 [37599]. Não se sabe qual é a relação entre a lenda alusiva a estes lugares de povoamento rural isolado e o aglomerado urbano (que nunca existiu)

cartografado como *Sardão* na zona do cabo no mapa de Portugal de Fernando Alvarez Seco, de 1561 [QUARESMA, 2006: 222-223 e Fig. 128] (Fig. 3 e 4).

4.2. Património etnográfico material

Existe algum património material de cariz etnográfico na Entrada da Barca. Na primeira ponta da falésia a norte do Posto Fiscal, já nomeada de Ponta da Santa, existe uma pequena capela isolada edificada com alvenaria de tijolo e cimento, com telhado de duas águas suportado por asnas de madeira (Foto 14). A capela acolhe, num pequeno nicho a meia altura voltado ao mar a poente e protegido por portinhola envidraçada, duas imagens religiosas: em posição central, uma estátua feita por encomenda da Senhora dos Navegantes, do Mar ou da Boa Viagem e uma imagem mais pequena, do tipo comum muito comercializado, de N. S.^a de Fátima posta ao lado em posição secundária. Segundo informação do Sr. António Porfírio “Russo”, pescador da Entrada da Barca, a edícula foi erigida há mais ou menos 15 a 20 anos a expensas de uma senhora da Zambujeira do Mar. Coisa moderna e recente, não tem, segundo o mesmo (dito entre um encolher de ombros), grande adesão de fé por parte dos pescadores do porto. Frente ao nicho uma grande laje de quartzito local deitada acresce alguma imponência à capela, a jeito de oratório. Existe o hábito de inserir moedas dentro do nicho da santa (por isso, já várias vezes assaltado), aparentemente praticado por forasteiros e caminhantes que passam pelos trilhos turísticos, mas não pelos locais. Outro costume novo e estranho ao local é o de empilhar pedras sobre a laje que está frente à capela, uma moda trazida em anos recentes pelos caminhantes estrangeiros.

Dos antigos botes de madeira, apenas restam dois, já encostados em seco junto ao edifício da doca de pesca. Todas as embarcações actualmente em uso na pesca são de fibra sintética. Segundo o Sr. António “Russo”, os botes de madeira eram fabricados no Algarve e em Vila Nova de Milfontes.

5. Arqueologia náutica

As pequenas praias e enseadas da costa sudoeste portuguesa a sul do estuário do Mira, como a Entrada da Barca, somente podem ser aportadas ou fornecer refúgio a pequenos barcos de pescadores ou de recreio e em condições de mar calmo.

Logo, o pequeno porto da calheta nunca terá sido frequentado por embarcações de média tonelagem.

A costa de falésias altas e recifes semi-ocultos entre a ondulação era e é perigosa para a navegação, pois qualquer arribada arrisca a despedaçar as embarcações nas rochas [Foto 2]. Mesmo no estio, era, antes das embarcações de auto-propulsão motorizada, prudente o afastamento para o largo, pois uma forte corrente ao longo da costa conduziria inexoravelmente para os rochedos, como se prevenia há século e meio (BONNET, 1850: 59-60). E, efectivamente, vários naufrágios sucederam na área do Sardão. Alguns desses sinistros foram também fixados na toponímia local: Enseada do Laredo do Barco e Baía da Nau a norte da Entrada da Barca, ou Pedras do Inferno a sul, junto da Zambujeira, são exemplo publicados na Carta Militar [Fig. 1 e 8].

São vários os registo de naufrágios antigos na costa do Cabo Sardão, identificados, quer por recolhas avulsas nas redes da pesca de arrasto ao largo, quer por avistamentos pontuais de mergulhadores. Abarcam achados de artefactos datados das Épocas Romana, Moderna e Contemporânea, registados num vasto espaço de mar entre os fundos na base das falésias até mais de 15 milhas ao largo, no trecho de costa entre o cabo e a Zambujeira do Mar:

- cns 21853 Cabo Sardão - Coroa do Sardão – “Jarras espanholas” (anforetas) de Época Moderna (Loureiro e Martinho, 2007)
- cns 21988 Praia do Cavaleiro – Canhão de bronze
- cns 22638 Cabo Sardão - Espólio pré-romano – ânforas neo-púnicas e defesa de elefante tardo-medieval/Moderna (Cardoso, 2001; *Id.*, 2016)
- cns 22651 Cabo Sardão – “Jarras espanholas” de Época Moderna (Loureiro e Martinho, 2007)
- cns 22905 Cabo Sardão 1 – Canhões de bronze
- cns 22906 Cabo Sardão 2 – Canhão de bronze
- cns 22922 Cabo Sardão - Baía da Nau – Canhões de ferro
- cns 22928 Baía da Arquinha – Canhões
- cns 23568 Cabo Sardão 3 – Canhão de bronze
- cns 23569 Cabo Sardão 4 – Canhões
- cns 23570 Cabo Sardão 5 – Canhão de bronze
- cns 23571 Cabo Sardão 6 – Canhão de bronze
- cns 26462 Cabo Sardão 8 – Ânforas do Baixo Império e estatueta de bronze
- cns 26463 Cabo Sardão 9 – Ânfora do Baixo Império
- cns 26465 Cabo Sardão 10 – Ânfora neo-púnica

- cns 28659 Zambujeira do Mar – Canhão de bronze
- cns 28660 Cabo Sardão 11 – Defesas de elefante (de Época Moderna?, cf. Cardoso, 2001; *Id.*, 2016)

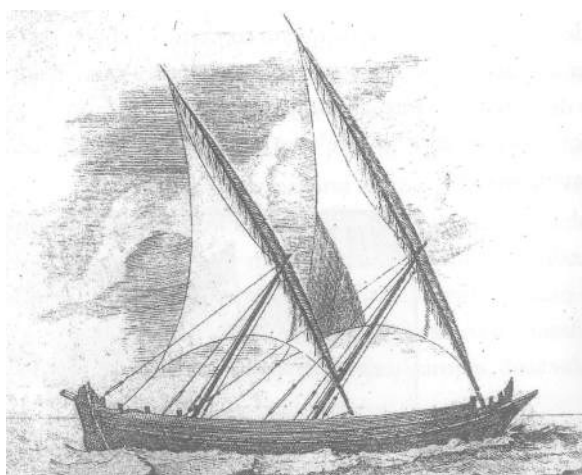
O mar a sul do Sardão é, portanto, fecundo em achados de arqueologia náutica e subaquática, mas estão assinalados locais de naufrágios antigos ou achados avulsos de artefactos recuperados no fundo da enseada da Entrada da Barca ou das águas mais próximas na base de dados Endovélico da DGPC.

Uma informação oral, prestada em 20 Dezembro de 2019 pelo Sr. António Maria Porfírio “Russo”, pescador reformado e antigo utilizador do porto, refere a possibilidade da existência de uma embarcação afundada frente à enseada da Entrada da Barca, a profundidade de vinte braças de pescador (36,5 metros).

Segundo a documentação histórica, poderiam entrar na ancorar na enseada do Sardão «barcos grandes e alguns bateis» no século XVII (Alexandre Massai em GUEDES, 1989: 23-24, 95-97), enseada que no início do século XIX tinha já o nome de Entrada da Barca. No final desse mesmo século, existiam no porto dois botes de pesca à linha. Bote e batel foram designações atribuídas, desde a Idade Média, a pequenas embarcações com menos de 4-5 metros, de boca aberta, fundo chato ou pouco arqueado e popa direita e baixa ou pouco saliente, utilizadas, com ou sem vela e para um ou dois tripulantes, tanto na pesca costeira de proximidade. A tipologia de barca, termo também de origem medieval ou mesmo anterior, teve mais acepções, sendo a mais comum a designação de uma embarcação maior (até 15 ou 20 metros) e mais possante, capaz de navegação ao largo para pesca ou tráfego local, movida a remos e que arvorava um, dois ou três mastros com velas latinas, capaz de vários tripulantes e capacidade de carga (LEITÃO e LOPES, 1963: 63; MACHADO, 1995: vol. I 392, 454; SERRÃO, 1971: 299; *EMBARCAÇÕES – GESTO Homo et Mare*, 2015).



Bote de Milfontes, meados do século XX (In Quaresma, 2019: Fig. 115)



Barca do Tejo, século XIX (In Quaresma, 2014: Fig. 50)

É também possível que a foz do Barranco dos Cavalos na enseada tenha tido características diferentes na Pré-história Recente (Ótimo Climático do Holoceno – 7.^o a 5.^o milénios BP) ou no período Romano inicial (Ótimo Climático Romano – transição 3.^o - 2.^o milénio BP), épocas em que o nível médio do mar pode ter sido ligeiramente mais elevado que o actual e a foz das ribeiras não estariam ainda tão colmatadas com sedimentos como na actualidade (Dias, 2004). Consequentemente, pode ter tido, nesses tempos remotos, condições similares ou mais favoráveis que a actuais para aportar pequenas embarcações. O seu eventual abandono nas paleomargens da foz do Ribeiro dos Cavalos poderia, se reunidas as condições necessárias, proporcionar a sua conservação (Fotos 3 e 4). Hipoteticamente, poderão suceder achados de arqueologia naval, tais como pequenas madeiramentos ou peças metálicas, no sector terminal mais baixo da ribeira que desagua na Entrada da Barca. Em 1876, foi descoberta a 5 m de profundidade margem do estuário do rio Mira, uma canoa de tipo pré- ou proto-histórico, feita com um único tronco de carvalho esculpido a fogo (VEIGA 1891: 142). Este registo aponta para a possibilidade de achados similares em qualquer ponto das margens estuarinas dos rios e ribeiras do sudoeste. Estes achados não são excepcionais: para além de dois outros casos descobertos em praias de mar em Peniche no século XIX (Veiga, 1891), mais recentemente, cinco pirogas do mesmo tipo foram encontradas nas margens do rio Lima. Estas foram datadas por radiocarbono da Idade do Ferro (séc. III-II a.C.) e da Alta Idade Média (séc. VIII, IX e X/XI) (ALVES *et al.*, 2005). O historiador grego Estrabão (*Geog.* IV, 4,1) referiu a utilização na Lusitânia deste tipo de embarcações na navegação fluvial e costeira de cabotagem.

6. Arqueologia de meio terrestre

6.1. Situação de referência

6.1.1. Sítios arqueológicos abrangidos pelo PIER de Entrada da Barca

6.1.1.1. ATALAIA DO PORTO DAS BARCAS [CNS 18545]

Tipo de sítio: Atalaia Cronologia atribuída: Época Moderna (Endovélico)

A primeira referência a vestígios arqueológicos na Entrada da Barca data da década de 1940. O general João de Almeida¹³ publicou, no terceiro volume da sua obra *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, um rol de pretensas atalaias de costa do concelho do Odemira, entre as quais consta a:

«Atalaia do Porto das Barcas

No cimo do pequeno outeiro, cota 55 m., que se levanta sobre a riba do mar, sobranceiro à foz da ribeira das Barcas, na enseada do Porto das Barcas, a 8,5 km. a noroeste da povoação de S. Teotónio, e a 19 km. a sul da vila de Milfontes, mesmo em frente do posto da Guarda Fiscal, existiam em princípios do século passado os vestígios de uma antiga construção castrense.

Pela sua situação e natureza, é de presumir que na origem tivesse consistido num castro lusitano de povoamento, do período neolítico.

Tinha por fim proteger o pequeno porto de mar que lhe ficava na base, servir de atalaia para vigiar o mar, e prevenir os moradores da aproximação de piratas.

Por este porto se fazia o tráfego comercial de S. Teotónio e de outros lugares da região.» [ALMEIDA, 1943: 58-359].

Este registo foi posteriormente arrolado nos inventários arqueológicos [Estudos Prévios ao Plano Director Municipal de Odemira, de 1988, Levantamento Arqueológico da Área do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, de 1990] e está na origem do CNS 18545 Atalaia do Porto das Barcas: tipo Atalaia, de período Moderno, com a descrição «Restos de construções, entre o posto da Guarda Fiscal do Sardão e a arriba».

¹³ Engenheiro militar, 1873-1953.

6.1.1.2. Comentário

O registo Atalaia do Porto das Barcas [cns 18545] estará incorrecto. Nenhum outro trabalho de terreno posterior (levantamentos de 1988, 1990, 1995, 1998-1999 e 2016) confirmou a existência dos referidos vestígios arqueológicos no local indicado pelo gen. Almeida. Entre o Posto Fiscal e arriba, faixa prospectada várias vezes por diferentes arqueólogos, nunca se encontraram quaisquer indícios de construções ou estruturas antigas (restos de muros, telhas, cerâmicas, etc.), para além de materiais relacionados com a ocupação do período Epipaleolítico (ver infra). Não existe também nenhuma memória entre os habitantes do local de uma atalaia, restos de muros ou construção alguma. Não se reconhece no sítio indicado nenhum «pequeno outeiro» e também cota indicada por J. de Almeida, de 55 m., é errada [a falésia tem altura de 37 m.] (Foto 15).

O general parece ter criado mais falso registo, similar a outros de similar tipologia e cronologia que indicou no litoral do concelho de Odemira: Atalaia do Brejo Longo [Almograve], Castelo do Cavaleiro (no Cabo Sardão) e Atalaia da Cabeça Gorda [Zambujeira do Mar], os mais próximos, sendo que em nenhum destes locais foi alguma vez comprovado por prospecções arqueológicas de terreno ou sequer indicado por informações orais a existência de ruínas de construções. A própria interpretação de Almeida é, como comum na época e próprio de um autor não especializado em estudos históricos ou pré-históricos, confusa e desconexa: “castro lusitano” do “período neolítico”, navegação comercial na Entrada da Barca, etc..

Admite-se, contudo, que esta menção de J. de Almeida à Entrada da Barca poderá não ser inteiramente fantasiosa. Em metade dos outros onze registos de castelos, fortificações ou atalaias antigo que Almeida publicou para o concelho de Odemira, verifica-se que os sítios arqueológicos existem de facto nos sítios indicados ou perto deles, tendo sido verificados apenas várias décadas depois. A maioria das indicações terá sido extraída por Almeida da toponímia, mas casos há em que acertou em locais sem topónimos publicados que tiveram ou terão tido função de vigilância da costa. Como, por exemplo, Castelo do Cavaleiro, onde nunca houve castelo algum mas de facto existiu, no século XVIII, uma *Vigia do Cavaleiro* da “guarda costa” montada de Odemira, uma milícia local formada para prevenção do corso marítimo, que deu origem ao nome do sítio Monte do Cavaleiro [AHMO, *Posturas*, AB 4/1 *apud* QUARESMA, 2019: 110]. Outro exemplo será a Atalaia da Cabeça Gorda, local onde coincidem os topónimos Alvorião (do árabe *al-burj* – “a torre”) e Lombo do Asno (do árabe *Ḥiṣn* – pronúncia *hânsn*, designação de pequeno castelo rural no *Garb Al-Andaluz*) (v. Fig. 8).

Neste caso em particular da Entrada da Barca, a linguagem da descrição e alguns pormenores podem indicar que Almeida, que nunca sequer visitado a região, possa ter tido acesso a informações sobre o sítio — por exemplo, por um elemento da Guarda Fiscal que conhecesse o local (um dos poucos postos da costa sudoeste) e o informasse sobre vestígios, topónimo ou memória de uma atalaia no local que lhe permitiram precisar, num estilo de escrita que remete para comunicação oral, o tempo da informação («existiam em princípios do século passado») e o local («mesmo em frente do posto da Guarda Fiscal»). Admitem-se quatro hipóteses: 1 - algo reconhecível existiria no local, que teria sido sobreposto pela ampliação do edifício da Guarda Fiscal na década de 1920; 2 - Almeida teve conhecimento do texto do relatório da inspecção às fortificações e portos de toda a costa ocidental portuguesa elaborado por Alexandre Massai em 1620 e arquivado no Museu da Cidade de Lisboa (GUEDES, 1989: 23-24, 95-97), e assumiu que foi concretizada a ideia de construção de uma “atalaia com algumas cabanas” para vigia e defesa de uma almadrava a instalar na Entrada da Barca; 3 - de alguma forma, alguém soube reconhecer como vestígios pré-históricos, sinais de «povoamento do período neolítico», os artefactos líticos que se encontram precisamente no local indicado por Almeida entre a arriba e o edifício do posto militar (depois publicados por Zbyszewski e Veiga Ferreira em 1974 como o ponto mais a norte da jazida Palheirões da Regueira - cns 7062); 4 - a menção a atalaia no Porto das Barcas tenha sido aferida a partir da informação do micro-topónimo Ponta da Atalaia que existe sobre a Praia do Tonel, 1 km a norte da Entrada da Barca (informação do sr. António Maria Porfírio “Russo”, pescador da Entrada da Barca).

De qualquer forma, não são actualmente reconhecíveis, como se referiu atrás, estruturas ou estratos arqueológicos associáveis à jazida Atalaia do Porto das Barcas.

6.1.1.3. Jazida paleolítica de PALHEIRÕES DA REGUEIRA (CNS 7062)

Tipo de sítio: Estação de Ar Livre

Cronologia atribuída: Epipaleolítico e Mesolítico (Endovélico)

No âmbito dos prolongados trabalhos de reconhecimento das indústrias do Paleolítico, Epipaleolítico e Mesolítico da Costa Sudoeste desenvolvidos por Georges

Zbyszewski¹⁴ e colaboradores entre 1940 e 1980 no âmbito dos estudos do Quaternário do litoral português (MEDEIROS-GOUVÊA & ZBYSZEWSKI, 1937, resumo do longo historial de investigação em RAPOSO, 1997 ou VILHENA, 2013), o Posto Fiscal do Sardão, na Entrada da Barca, foi referido brevemente na década de 1970. Em 1974, Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira¹⁵ publicaram, sem grandes exactidões geográficas, as colheitas que fizeram de exemplares de artefactos líticas do Languedocense realizadas nas:

«Jazidas paleolíticas na zona das arribas entre o posto fiscal do Sardão, Palheirões da Regueira, Palheirão do Seixo, Baia da Samouqueira, Palheirão da Arquinha, Baia da Arquinha, Pedras do Inferno e Praia da Pedra da Bica [1000 m. a 2500 m. a N. de Azambujeira do Mar].» (ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974: 408).

Os materiais, todos sobre seixos, foram então considerados de idade paleolítica e agrupados em «peças aparentadas a *coups-de-poing*» (4 exemplares), «seixos raspadores» (9 exemplares), «seixos truncados em uma das extremidades e com gume em forma de leque» (2 exemplares) e «bigorna» (1 exemplar) (ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974: 408-410).

Posteriormente, essa jazida foi inventariada com a designação genérica de Palheirões da Regueira e cronologia do Epipaleolítico no *Levantamento Arqueológico da Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina* (APPSACV), concluído em 1990 pelo Centro de Documentação Arqueológica da Costa Sudoeste sob direcção de Carlos Tavares da Silva, que deu origem ao sítio CNS 7062 do Endovélico. A coordenada do sítio situa-o 200 m a sul do Posto Fiscal (Figura 11). Na base de dados da DGPC, a jazida tem actualmente a descrição de:

Estação de Ar Livre Período Mesolítico

«Achados de indústrias líticas dispersas ao longo do topo da arriba, entre o posto da Guarda Fiscal do Sardão e a praia da Pedra da Bica. A sua atribuição ao Mesolítico é, por enquanto, pouco segura».

«Na arriba, ao longo da enseada dos Palheirões da Regueira até à ponta do Palheirão do Seixo».

6.1.1.4. Comentário

Dois problemas persistem acerca da jazida paleolítica designada no Endovélico

¹⁴ Geólogo, 1909-1999

¹⁵ Engenheiro de Minas, 1917-1997

Palheirões da Regueira: localização e datação.

Como comum ao tempo, a publicação dos vestígios pré-históricos do Posto Fiscal do Sardão [ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974] foi feita sem suporte cartográfico, nem grande precisão na explicação geográfica. Devido à mancha quase contínua de vestígios presentes em toda a linha de arribas, interrompida apenas pelos acidentes hidrográficos, os autores agrupavam num mesmo conjunto diversos pontos de recolhas de artefactos que corresponde, segundo os critérios actuais, a vários sítios arqueológicos. As recolhas era também realizadas de forma exemplificativa e sem grandes critérios de precisão estratigráfica ou espacial. As estampas publicadas [ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974] com fotos de oito dos artefactos recolhidos, talvez, do Posto Fiscal do Sardão à Praia da Pedra da Bica, tampouco precisam o local de recolha.

Os artefactos do Posto Fiscal do Sardão e sítios seguintes para sul foram genericamente classificados como exemplos de «Indústria Languedocense» [ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974: 408]. O Languedocense era, à época do artigo de G. Zbyszewski e de Veiga Ferreira publicado em 1974, ainda perspectivado como uma indústria lítica frustre e expedita, comum no Paleolítico Médio e que, no litoral sudoeste da Península, se arrastaria até ao Paleolítico Superior como um arcaísmo regional. Revisões efectuadas na mesma década e na seguinte levaram a rever a cronologia destes sítios e materiais do Languedocense do Alentejo Litoral como pós-glaciar Würm e a atribuir, pouco a pouco, uma designação de específica, “Languedocense costeiro epipaleolítico” que seria, mais tarde, abandonada a favor da designação de Complexo Mirense (da peça epónima, o “machado” Mirense, conhecido a partir de achados da zona da foz do Mira) ou simplesmente “Mirense” [Raposo, 1994; Id. 1997]. Esta indústria lítica deixou de integrar o Paleolítico, fixando-se como coisas plenamente de época fini- e pós-glaciar, entre o Epipaleolítico (estádio de continuidade do modo de vida paleolítico no Holoceno) nos 7.^o e 6.^o milénios a.C., Mesolítico ou mesmo Neolítico, em função, na ausência de datações absolutas, na presença ou ausência de cerâmica, pedra polida ou micro-laminares geométricos nos conjuntos líticos. Onde os estratos estão menos erodidos, como por exemplo, em Palheirões do Alegria (CNS 1155, a norte do Cabo Sardão, com datações de 14C de 8400 e 8802 BP) ou Sardão 1, surgem numerosos exemplos de antigos acampamentos temporários de pescadores e colectores, mais ou menos próximo da linha de costa (num mar com nível 50 a 25 m mais baixo que o actual), caracterizados porlareiras, fundos de cabana, oficinas de talhe, áreas de distribuição diferenciada de artefactos [Raposo, 1988; Id. 1997]. Serão estas a datação e a tipologia dos sítios do final da Pré-história antiga existentes nas arribas da zona do Posto Fiscal do Sardão, cujos artefactos líticos foram primeiro

publicados por Zbyszewski e Veiga Ferreira em 1974.

6.1.2. Sítios arqueológicos na envolvente do PIER de Entrada da Barca

6.1.2.1 SARDÃO (CNS 37601)

Tipo de sítio: Acampamento / Estação de ar livre Cronologia: Epipaleolítico

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37 32 45.8 W8 46 50.5

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 057231,84 P= - 235385,46]

Situa-se na suave elevação do marco geodésico Sardão, 700 m em linha recta do oceano e a 1200 da foz do Barranco dos Cavalos na Entrada da Barca (Figura 11), um dos poucos locais que permite aceder numa descida fácil ao nível do mar num sector de costa com escarpas de mais de 30 m talhadas a pique. As cortinas de arvoredos de pára-vento agrícola impedem a visibilidade directa do sítio para o oceano, mas deveria ter um panorama sobre as landes frente à falésia quando o nível do mar era, no início do Holoceno, mais baixo em duas ou três dezenas de metros do que o actual.

O sítio foi muito afecto por terraplanagens em volta do marco geodésico, a que acrescem velhas estruturas hidráulicas do sistema de rega do Mira instaladas na décadas de 1970/80 no subsolo perto do marco (Fotos 16, 17, 18, 19 e 20). Nos corte mais recentes, avivados pela erosão, os taludes mostram níveis de areias consolidadas castanhas na base, areias soltas claras por cima e um potente nível de estratos arqueológicos com até 0,2 m de espessura pelo meio, quase inteiramente composto por cascalheira de formação paleoantrópica com milhares de restos de talhe e artefactos macrolíticos de quartzito, grauvaque e quartzo (Fotos 21, 22, 23). A terraplanagem do terreno em torno do marco deixou também à mostra estruturas originais do acampamento e oficina de talhe, como várias lareiras assinalados por amontoados com diâmetro de 1 m. de termoclastos, areias cinzentas e restos de talhe (quartzito, grauvaque) (Foto 24). Foram observados possíveis alinhamentos de pedra de possíveis estruturas de base de cabanas. Não foram recolhidas cerâmicas. Os vestígios estendem-se por uma vasta área de, pelo menos (e numa estimativa moderada), duas a quatro dezenas de metros em torno do marco geodésico. Trata-se da maior jazida de acampamento com oficina de talhe conhecida na costa sudoeste, depois de Palheirões do Alegria (cns 1155), e também a primeira a ser localizada na planície litoral em situação relativamente afastada da linha das arribas.

O sítio foi identificado em Outubro de 2015 numa passagem casual pelo local dos arqueólogos Jorge Vilhena e Joel Rodrigues. O representante da empresa de agricultura intensiva que explora a propriedade não nos autorizou uma segunda visita ao local para registo cartográfico e fotográfico mais detalhado do sítio arqueológico.

Bastantes artefactos líticos são catados da jazida arqueológica e utilizados para pavimentar e decorar canteiros da zona de escritórios em contentores da empresa, um acto que nos pareceu, dado o critério de escolha de artefactos, consciente e deliberado.

O sítio está inteiramente rodeado de estufas e estufins de agricultura intensiva, em processo de expansão evidentes desde 2015 (consultar imagens históricas de *Google Earth*), estando agora os mais próximos, no lado norte, a 20 m (portanto, já sobre a área arqueológica), e a 40 m no lado leste; 100 m. a sul foi construído um grande reservatório de rega. A jazida arqueológica encontra-se, portanto, em risco eminente de destruição.

6.1.2.2. SARDÃO 1 – VILA DO SARDÃO (CNS 37597)

Tipo de sítio: Alcaria

Cronologia: Época Medieval

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: 37°33'01.3" N 8°46' 31.7" W

[Coordenadas do Ponto Central (Datum 73) M= - 056767,06 P= - 234910,76]

Num patamar estreito voltado a noroeste e delimitado entre águas de dois ribeiros (Figura 11, Fotos 26 e 27) que confluem para formar o Barranco do Sardão que, mais adiante no seu curso para noroeste, vai desaguar no Barranco dos Cavalos (em cuja foz se encontra o porto de pesca da Entrada da Barca), foram detectados, em 2015, ténues indícios de um local de povoamento em Época Medieval tardia (séculos XII-XIII a XV/XVI). Segundo a tradição local, encontravam-se nesse terreno, caboucos dos muros das antigas casas da Vila do Sardão. Actualmente, o que se detecta no local, ocupado por uma exploração agrícola intensiva, são alguns escassos fragmentos de recipientes cerâmicos (potes, panelas, malgas, etc.) sem vidrado e de telhas de meia-cana espessas e de pastas claras e vermelhas, bem como nódulos de escórias de redução de minério de ferro e seixos de quartzito quebrados (possíveis termoclastos). Os vestígios apontam, pela área de dispersão e

quantidade reduzida, para que o sítio tenha sido uma construção rural isolada de tipo pequena alcaria ou menor mesmo, de tipo *monte*, da qual não foram identificadas estruturas arquitectónicas [o terreno está modelado por lavras mecânicas de camalhões para plantio agrícola intensivo, cobertos por mangas de plástico preto]. A cronologia de ocupação pode ainda remontar ao período islâmico [o território de Odemira foi anexado pela coroa portuguesa em meados de século XIII] ou português medieval.

A documentação histórica refere, para os primeiros anos do século XVII, segundo as palavras do relatório descritivo da costa elaborado pelo arquitecto e engenheiro militar Alexandre Massai em 1620, a existência de casais de lavradores dispersos na charneca da costa entre Odeceixe e o Cabo Sardão: «a costa que de ordinário é brava se caminha por ela sem se achar povoação mais que algumas casinhas pela terra adentro de lavradores» [GUEDES, 1989: 23]. Provavelmente, o sítio da Vila do Sardão corresponde a um destes montes agrícolas ou agro-marítimos. Possivelmente, os seus moradores poderiam ser os pescadores utilizavam a Entrada da Barca, a 1,2 km, e que informaram os «homens do mar» que acompanharam Massai na sua inspecção dos portos da costa sobre a praticabilidade do porto com poucos obras de remoção de pedras do fundo (*Id., ibid.*)

Os vestígios arqueológico do sítio do Sardão 1 estão associados à lenda contada na Zambujeira do Mar: tinha existido ali uma antiga vila que se afundou no mar ou, segundo outra explicação, cujos habitantes terão sido levados pelo mar. O local assinalado pela lenda no Sardão encontra-se efectivamente perto do costa, mas é impossível que o mar alguma vez tivesse alcançado área tão interior. A segunda versão da lenda pode conter memórias dos frequentes raptos de habitantes de lugares isolados da costa de Odemira ao longo dos séculos XVI e XVII por corsários magrebinos em galés, cujos tripulantes também recorriam aos pequenos portos, como a Entrada da Barca, para fazer aguada [QUARESMA, 2019: 97-111].

6.1.2.3. SARDÃO 2 [CNS 37598]

Tipo de sítio: Ferraria/escorial

Cronologia provável: Períodos Romano ou Medieval

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: 37°33'07.9" N 8°46'28.4" W

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 056684,67 P= - 234707,83]

Em terreno de pousio e pastagem, num patamar pouco elevado entre dois ribeiros

que confluem para o Ribeiro dos Cavalos, identificam-se, numa área relativamente concentrada, fragmentos de escórias densas e pretas, por vezes em grandes placas intactas (dimensões de 0,3 m) (Figura 11). Foram formadas pela escorrência e solidificação sobre o solo de escórias fluidas em pasta que eram vazadas, no final da operação metalúrgica de redução primária de minerais ferrosos, de pequenas fornalhas metalúrgicas de tipo fossa escavada raso ao chão. Foram identificados fragmentos de paredes de fornalha. Esta tecnologia é de período romano e continuou a ser utilizada, com poucas alterações, até ao final da Idade Média (VILHENA e GRANGÉ, 2011). O minério beneficiado terá sido extraído pelo desmonte e trituração de concreções areno-ferruginosas que se encontram no local. Os vestígios correspondem a uma antiga ferraria, associável a qualquer um dos sítios de períodos Romano, Medieval ou Moderno existentes poucas centenas de metros a oeste (CNS 37597 Sardão 1) e a noroeste (CNS 37599 Sardão 3 e CNS 37600 Sardão 4).

6.1.2.4. SARDÃO 3 (CNS 37599)

Tipo de sítio: Casal Rústico

Cronologia: Período Romano

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N33 15.9 W8 46 45.6

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 057105,16 P= - 234458,28]

Numa vertente levemente inclinada para sul, em local com boa exposição solar e resguardado do vento da nortada marítima, sobre um ribeiro que corre para sudoeste para confluir no Barranco do Sardão (afluente do Barranco dos Cavalos que desagua no pequeno porto de mar da Entrada da Barca a 1 km), encontram-se dispersos, numa área restrita (Figura 11, Fotos 29 e 30), restos de cerâmicas de tipologia de período romano tardio (séc. III-V d.C.). Observaram-se fragmentos de cerâmica de construção (ladrilho/tijolos, ímbrices e possíveis régulas), de recipientes cerâmicos (bojos de ânforas lusitanas, potes, panelas e pequenas taças de loiça comum) e escórias de redução de minério de ferro. O terreno, arenoso, têm aptidão agrícola, pelo que as consecutivas lavras do terreno, assim como o usual reutilizar de pedra aparelhada em épocas posteriores, nada deixaram de identificável das estruturas das construções de época romana, além de alguns restos de pedras dos muros e uma de soleira de porta feita de laje de xisto grauváquico local (Foto 31).

Este sítio de período romano está também associado, como Sardão 1 (cns 37597)

à lendária da Vila do Sardão, que segundo a tradição oral teria sido arrasada ou afundada pelo mar, numa versão, ou os seus habitantes levados pelo mar, segundo outra. O sítio está simultaneamente afastado o suficiente e escondido da costa para mitigar as desvantagens que essa proximidade acarretava (pirataria, ventos salgados), mas também perto (1000 m ou 10-15 minutos a pé) para aceder ao pequeno porto da Entrada da Barca através do Barranco dos Cavalos, que nele desagua.

Desde o primeiro mapa impresso de Portugal, o de Fernão Álvaro Seco¹⁶ de 1560, foi repetidamente figurada na cartografia produzida até ao século XVIII uma povoação junto no Cabo Sardão (Figura 4). Sabe-se que essa povoação nunca existiu, como esclareceu Alexandre Massai de *circa* de 1620, pois relatou que percorreu a costa do cabo «sem se achar povoação mais que algumas casinhas pela terra adentro de lavradores» (GUEDES, 1989: 23). Numa costa quase despovoada, a existência das ruínas de um antigo edifício de período romano, mesmo que não tenha passado de um simples casal agrícola, ou a sua simples lembrança (lendária, toponímica), pode ter dando origem à lenda e à representação cartográfica errada da Vila do Sardão.

6.1.2.5. SARDÃO 4 (CNS 37600)

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Cronologia provável: Período Medieval?

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37 33 11.6 W8 46 44.4

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 057076,62 P= - 234591,06]

Em vertente voltada a poente sobre a margem direita do Barranco do Sardão ocorrem, à superfície do terreno arenoso, pequenos fragmentos de materiais cerâmicos de provável cronologia medieval, mas em escassa quantidade e muito dispersos (Figura 11). O sítio pode estar relacionado com o sítio Sardão 1 (cns 37597, granja, Época Medieval) ou Sardão 2 (cns 37598, ferraria, período Romano ou Medieval).

¹⁶ *Portvgalliae que olim Lusitania, Nouissima et Exactissima Descriptio.*

6.2. Prospekção realizada na área do PIER de Entrada da Barca

Foi realizada a prospekção arqueológica da zona de intervenção do PIER de Entrada da Barca. A acções de prospekção desenvolveram-se no dia 18 de Dezembro de 2019, com um arqueólogo participante (o relator¹⁷). Três outras visitas foram feitas para reconhecimento visual da área e confirmação de dados, a 24 de Novembro, 20 de Dezembro e a última a 25 de Janeiro de 2020; participaram também nestas últimas idas ao local António Martins Quaresma, historiador, e a arquitecta Patrícia Bruno, consultores do levantamento de património histórico edificado.

O Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológico, com respectivo Plano de Trabalhos de Arqueologia, para este levantamento histórico-arqueológico foi submetido no Portal do Arqueólogo da Direcção-geral do Património Cultural a 30 de Novembro de 2019. Foi provado pela DGPC a 20 de Dezembro, com comunicação nesse sentido da Direcção Regional de Cultura do Algarve a 26 seguinte. Rege-se pelo disposto no *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos* em vigor e no exposto na normativa *Metodologia para a Caracterização do Património Arqueológico no âmbito dos Planos Municipais de Ordenamento do Território*, emanado do IGESPAR, IP.

As batidas de terreno realizadas no âmbito deste estudo englobaram toda a área de incidência directa do PIER em domínio público, com especial insistência na linha de arriba e nos cortes e taludes observados nas vias de comunicação (acesso ao porto e estrada municipal 1158), bem como, já na orla exterior da ZI, nas margens esquerda e direita da foz do Barranco dos Cavalos. Não foi possível aceder aos terrenos da propriedade privada situada na zona nordeste do PIER, que se encontrava vedada e sem pessoas nos dias de visita.

As condições de observação de solo eram adequadas nas zonas de circulação viária ou pedonal e na linha da arriba, mas insuficientes em grande parte da metade sul da ZI, devido à presença de espessa cobertura de vegetação dunar (Fotos 32 e 38).

As coordenadas de pontos de ocorrências patrimoniais foram registadas no terreno com aparelho portátil de georeferenciação Garmin GPSmap 60Cx, com precisão de 2-3 metros, em coordenadas geográficas WGS84. As coordenadas geográficas foram convertidas em coordenadas rectangulares com referência ao Ponto Central (*Datum 73*), pelo programa *Transformação de Coordenadas* do

¹⁷ Licenciado em História, variante de Arqueologia (Univ. Porto, 1995) e mestre em Pré-história e Arqueologia (Univ. Lisboa, 2007). E-mail: jorgecostavilhena@gmail.com

Instituto Geográfico do Exército¹⁸.

6.3. Novas ocorrências arqueológicas na área do PIER de Entrada da Barca

6.3.1. Entrada da Barca 1

Tipo de sítio: Estação de ar livre

Cronologia provável: Epipaleolítico

Centro do Núcleo A — Coordenadas geográficas: N37 32 57.6 W8 47 34.1

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 058299,58 P= - 235014,20]

Cento do Núcleo B — Coordenadas geográficas: N37 32 59.7 W8 47 32.8

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 058267,21 P= - 234949,68]

Sítio arqueológico situado no rebordo da falésia sobre o mar, a poente e a noroeste do Posto Fiscal do Sardão (Figura 11, Fotos 33, 34, 35), onde foram identificados artefactos pré-históricos de pedra lascada. Os materiais foram observados em dois núcleos separados por um pequeno córrego, a aprox. 70 m. um do outro. No primeiro (Núcleo A), no lado sul da jazida, os materiais estão em nível de cascalheira com argila vermelha assente sobre o soco rochoso, numa área de 20 x 20 m no topo da falésia na ponta a oeste do recinto do Posto Fiscal do Sardão (Fotos 33, 34, 35, 36). O estrato arqueológico prolonga-se na direcção leste, sob camada areia amarela clara solta, para o recinto do Posto Fiscal (Fotos 33 e 34). O segundo núcleo (Núcleo B), 70 metros a norte do primeiro, o nível foi detectado numa pequena clareira na vegetação dunar, onde os materiais se encontram numa camada de areia amarela (Foto 37). Embora com menos material, são do mesmo tipo de artefactos líticos de quartzito e grauvaque do Núcleo A. O nível arqueológico parece estender-se para norte e nordeste, até ao estradão para o porto da Entrada da Barca (Foto 38), mas já não foi identificado na Ponta da Santa.

Perante a dificuldade em precisar os limites setentrionais da jazida arqueológica CNS 7062 Palheiros da Regueira, originalmente balizada entre o Posto Fiscal e 1500 m. para sul (ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1974: 408-410), opta-se por individualizar este registo com a designação Entrada da Barca 1. É aparentemente sítio extenso, situado entre a falésia a oeste, o Posto Fiscal a sul, o estradão de acesso ao porto a leste, e o conjunto de moradias da “Ponta da Santa” norte.

¹⁸ Disponível *on-line* em <http://www.igeoe.pt/coordenadas/trans.aspx>

Materiais recolhidos (todos de quartzito/grauvaque de grão fino): 1 – Seixo truncado com levantamento; 2 – lasca de descorticação inicial; 3 – sub-produto de debitage; 4 – raspador sobre lasca cortical retocada; 5 – lasca de descorticação; 6 – raspador sobre lasca cortical; 7 – lasca cortical; 8 – lasca não cortical; 9 – lasca não cortical; 10 – raspador sobre lasca não cortical; 11 – raspador/furador sobre lasca não cortical (Fotos 43 e 44).

6.3.2. Entrada da Barca 4

Tipo de sítio: Estação de ar livre

Cronologia provável: Epipaleolítico

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37 33 05.1 W8 47 21.7

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73): M= -057993,58 P= - 234785,11]

No topo do talude noroeste da EM 1158, que corta uma pequena elevação no terreno arenoso da planície litoral (Figura 11, Fotos 39, 40, 41), próxima de uma pequena linha de água que corre para a enseada da Entrada da Barca, foi detectada a ocorrência de artefactos líticos obtidos por talhe directo de seixos de quartzito ou grauvaque cinzento escuro. Não foram detectados outros materiais (sílex, quartzo, restos conquífero ou fragmentos de cerâmica). O nível arqueológico assenta sobre argilas amarelas e laranjas. A dispersão de materiais de superfície continua para noroeste, para o terreno privado vedado (Foto 42).

Materiais recolhidos : n.º 1 – seixo raspador “languedocense” com levantamentos, de quartzito; 2 – Seixo raspador de quartzito; 3 – Raspador em “gomo” sobre lasca cortical de seixo de quartzito; 3 – raspador de bordos paralelos (grauvaque) (Fotos 45 e 46).

6.4. Novas ocorrências arqueológicas na envolvente do PIER de Entrada da Barca

6.4.1. Porto da Entrada da Barca / Calheta do Sardão

Tipo de sítio: Porto e ancoradouro

Cronologia provável: Moderno e Contemporâneo

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37°33'07,3" W8°47'31,0"

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 058221,38 P= - 234715,68]

O Porto da Entrada da Barca (ou Calheta do Sardão ou Porto das Barcas, outros dos seus nomes antigos conhecidos) é um dos pequenos portos de mar que se encontram na costa sudoeste a sul do Cabo Sardão (Figura 11, Fotos 3, 4, 5 e 6). É uma pequena enseada com dimensões de 100 x 100 m entalhada pela foz no mar do Barranco dos Cavalos nas falésias com mais de 30 m de altura. Este abrigo natural proporciona no interior um espelho de águas calmas que, apesar de acesso algo difícil entre recifes, é praticável com bom tempo e mar calmo, e permite ancorar em resguardo dos ventos e da ondulação dos quadrantes norte, leste e sul. O porto é também um dos poucos locais desta linha de costa onde é possível varar embarcações (FERNANDES, s.d.: 90-91).

O mais antiga referência documental ao porto da Entrada da Barca data de inícios do século XVII. No código *Descrição Relação do Reino de Portugal Segvndo Tratado*, uma descrição do litoral redigida por Alexandre Massai em 1621, ele refere ter sido informado pelos homens do mar e pescadores locais que existia, perto do Cabo Sardão, uma pequena angra onde podiam ancorar até uma dúzia de barcos grandes e alguns bateis. Massai considerou o sítio adequado, com água potável, pelo que propunha, conforme recomendação dos marítimos, a realização trabalhos de despedrega ou desassoreamento do fundo e instalar ali uma armação de pesca ao atum e algumas cabanas, que deveriam ser defendidas por uma estrutura de atalaia (GUEDES, 1989: 23-24, 95-96). Não se sabe se a ideia foi concretizada. O porto surge designado como «Entrada da Barca» num relatório de 1817 relativo à disposição dos postos de vigilância da costa¹⁹. Por 1886, Baldaque da SILVA (1991: vol. I 144) referiu que a Entrada da Barca era utilizada por apenas dois barcos de pesca à linha, embora muito provavelmente essa faina tivesse começado no século anterior. Assim, a enseada da Entrada da Barca terá sido utilizado ao longo da Época Moderna para porto de «barcos grandes» e batéis (séc. XVII) e barca ou barcas (séc. XIX) — embarcações de pesca de pequena e média dimensão cujo significado tipológico é de definição complexa para o período em causa (LEITÃO e LOPES, 1963: 63).

Não foram identificadas estruturas ou artefactos arqueológicos no Porto da Entrada da Barca, que foi muito alterado com obras várias desde a década de 1980 (construção de estrada de acesso, edifício da lota, rampa de varar e do paredão). É a informação documental alusiva à utilização do porto nas épocas Moderna e

¹⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Junta de Saúde Pública, L. 29, *Instrucções para a Villa de Odemira*.

Contemporânea que justifica a criação deste registo de sítio arqueológico. Também a presença de povoamento em períodos Romano e Medieval num raio de 1 km em torno do porto (CNS 37597 Sardão 1, CNS 37598 Sardão 2, CNS 346 Sardão 3 e CNS 37600 Sardão 4) torna plausível que este tenha sido utilizado em períodos mais recuados. Embora tal seja difícil devido à dinâmica da ondulação marítima, podem existir no local contextos de arqueologia naval conservados, como madeiramentos ou peças metálicas de embarcações antigas afundadas na enseada ou abandonadas na foz do Barranco dos Cavalos.

6.4.2. Entrada da Barca 2

Tipo de sítio: Estação de ar livre

Cronologia provável: Epipaleolítico

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37 33 07.8 W8 47 34.5

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 058307,19 P= - 234699,66]

Dispersão de materiais pré-histórico numa clareira com níveis de areias consolidadas e cascalheira sob areias claras soltas, no rebordo arriba voltada a poente logo a norte da enseada da Entrada da Barca (Figura 11 Foto 3). Foram observados artefactos sobre núcleos e lascas de seixos de quartzito e grauvaque cinzento. Não foram observados materiais conquíferos ou cerâmicos. O sítio desenvolve-se mais para nascente até ao rebordo da planície litoral sobre a margem escarpada do lado norte da foz do Barranco dos Cavalos, onde o mesmo nível de cascalheira foi exposto por lavra de linha de delimitação no solo arenoso.

6.4.3. Entrada da Barca 3

Tipo de sítio: Estação de ar livre

Cronologia provável: Epipaleolítico

Coordenadas geográficas da zona central do sítio: N37 33 11.6 W8 47 34.7

[Coordenadas Ponto Central (Datum 73) M= - 058311,27 P= - 234582,47]

Ocorrência de material lítico (macro-utensílios sobre seixos de grauvaque e quartzito cinzento) em nível de areias consolidadas exposto pela erosão eólica ao longo do rebordo da falésia sobre o mar, a leste da Ponta do Espigão (Figura 11). Não foram observados materiais conquíferos ou cerâmicos. Esta jazida será a continuidade do sítio Ponta do Espigão – Fronteira (CNS 5809).

7. Valoração do património histórico, arqueológico e etnográfico de Entrada da Barca

7.1. Síntese dos valores patrimoniais identificados

Os sítio arqueológicos pré-históricos assinalados dentro da zona de intervenção do PIER da Entrada da Barca, Entrada da Barca 1 e Entrada da Barca 4, datam, como os de envolvimento, Entrada da Barca 2, Entrada da Barca 3 e Sardão (CNS 37601), provavelmente do Epipaleolítico. Nesse período, há aproximadamente nove a oito mil anos antes do presente, terminara a última glaciação Würm e o mar tinha iniciado um lento processo de subida gradual, em consequência do degelo das calotas polares e dos glaciares (Dias, 2004). Mas não tinha ainda atingido o nível actual, encontrando-se entre 30 e 10 metros mais baixo que o actual, pelo que a linha de costa sudoeste portuguesa era então bastante mais a poente do que a actual (*id.*, *ibid.*). Frente às actuais arribas da Entrada da Barca desenvolvia-se, onde hoje é mar, uma planície de quilómetros de terras baixas planas. Os indícios do antigo povoamento humano nessa antiga planície submergida desapareceram para sempre debaixo das águas. Mas subsistem outros vestígios na falésia, como Entrada da Barca 1, 2 e 3, com os seus depósitos de cascalheiras contendo artefactos de seixos talhados no Epipaleolítico. Estas jazidas arqueológicas são restos de antigos acampamentos temporários e de curta duração, estabelecidas há cerca de 9-8 mil anos atrás em antigas cumeadas — hoje na falésia —, que eram pontos privilegiados de observação sobre essas desaparecidas landes litorais (Raposo, 2007). Um pouco mais a leste, dois outros sítios arqueológicos do Epipaleolítico, Entrada da Barca 4 e Sardão (CNS 37601 - este um acampamento mais permanente), são exemplos de outro tipo de implantações onde as pessoas dessa época também terão construído abrigos mais ou menos temporários — as pequenas colinas na actual planície que se abre a seguir às falésias, mas que seria, no início do Holoceno, um planalto no interior.

Este conjunto de sítios arqueológicos do final de Pré-história Antiga aponta para um padrão de grande mobilidade sazonal na economia de exploração de recursos locais: pesca, caça e recollecção de vegetais, ou seja as primeiras formas de actividades agro-marítimas combinadas que caracterizaram o povoamento da Entrada da Barca até há bem pouco tempo. Os vestígios mais abundantes dessas actividades na Pré-história antiga são os artefactos talhados de forma expedita, mas criteriosa, sobre lascas debitadas de seixos rolados recolhidos em cascalheiras de praias para obter, com essa matéria de acesso fácil, instrumentos diversos com gumes cortantes, resistentes e duráveis. Os seixos e as lascas

extraídas destes eram configuradas por talhe até se obterem formas pré-determinadas (com ou sem córtex) padronizadas. Era necessária mestria e destreza para dominar a técnica de, a partir da pedra dura, fabricar utensílios multifuncionais com formas ergonómicas e específicas para cada função ou uso pretendido. Uma vez finalizados, eram utilizados directamente na mão, sem encabar, para, consoante a tipologia, raspar moluscos das rochas, para cortar peles e golpear carnes de animais terrestres e marinhos, ou para cortar fibras vegetais.

A facilidade em obter pedras locais abundantes para o seu fabrico e o talhe relativamente rápido (apesar de tal exigir artesãos experientes na técnica de modelação por debitagem com percussão directa e indirecta) explica a razão porque foram descartados em quantidade nos locais de acampamento. Outros artefactos feitos de matérias mais raras, como sílex, eram levados com os grupos e são mais raros no registo arqueológico.

Os sítios pré-históricos identificados são, portanto, testemunhos das primeiras formas de povoamento e exploração da paisagem costeira pelas comunidades no nosso passado remoto comum. Também a informação paleoantropológica, paleoclimática e paleoambiental que poderão proporcionar, quando devidamente investigados, é potencialmente elevada.

Não se têm elementos materiais para afirmar que o pequeno porto da Entrada da Barca foi utilizado antes da Época Moderna (séc. XVII/XVIII). O povoamento de períodos Romano e Medieval detectado num quilometro em torno deste pequeno porto de mar sugere essa possibilidade, uma vez que a enseada resguardada na foz do Barranco dos Cavalos era, nessas épocas, como hoje, um dos raros postos da costa brava do Cabo Sardão onde seria possível aceder ao mar em relativa segurança e também ancorar ou varar embarcações de pesca.

A dimensão lendária atribuída aos vestígios desse povoamento histórico antigo, expressa na narrativa da “Vila do Sardão” e na sua relação difícil com o mar (desastres naturais e acções predatórias humanas), que plausivelmente se faria pelo porto da Entrada da Barca, é também um aspecto a salientar, tanto mais que cruza património histórico e arqueológico com património etnográfico de índole imaterial.

De património edificado, mantêm-se na povoação da Entrada da Barca dois exemplos de antigas construções da colónia original de pescadores fundada junto do porto de pesca nos finais do século XIX ou inícios do seguinte. São as duas casas

de paredes de pedra local assente com terra argilosa, que tinham, originalmente, cobertura de fibras vegetais, concretamente estorno e canas sobre estruturas de madeira. Também esta herança cultural merece ser preservada e valorizada, tanto no lado material das técnicas e dos saberes de uso de materiais locais, naturais e renováveis na construção habitacional, como na dimensão social de uma história de vidas difíceis marcadas pela faina da pesca, pela sujeição aos elementos atmosféricos e aos desastres, como os incêndios que destruíram as habitações, mas que a comunidade, resiliente, conseguiu reerguer mais que uma vez [Fernandes, s.d.: 91].

Desaparecidas as estruturas perecíveis das primeiras casas do lugarejo inicial, caberá às entidades de gestão do PIER e do património cultural avaliar as formas de acautelar a salvaguarda dos escassos vestígios arquitectónicos remanescentes das antigas habitações tradicionais dos pescadores da Entrada da Barca, porque:

«Ao contrário do que aconteceu com outras tipologias do vernacular, as construções em materiais vegetais desligaram-se da memória social do país e perderam qualquer capacidade evocativa, como saber técnico e como cultura de paisagem. Raros casos assumem hoje os valores de património destas construções» (PRISTA, 2014: 69).

Da antiga faina de pesca do porto da Entrada da Barca, restam, como noutros portos do concelho, escassos exemplares de embarcações tradicionais, já encostadas a seco, que importa tentar registar e preservar.

No complexo do Posto Fiscal do Sardão, edificado com alguma qualidade (para os padrões locais), existe pelo menos um edifício original com a linguagem da arquitectura da “Casa Portuguesa” dos décadas de 10 e 20 do século passado. Muito degradado, deve ser evitada a sua deterioração e adulteração.

7.2. Propostas para a protecção e valorização de património cultural

O maior óbice à valoração cultural do património cultural da Entrada da Barca é a ausência de estudos específicos e debruçados em profundidade nas áreas de Etnografia, História, Arqueologia ou Geomorfologia.

Esta situação impede a concretização de valoração diferenciada ou gradativa para os vestígios arqueológicos presentes na área da PIER de Entrada da Barca, que

foram identificados a partir de consulta bibliográfica e de prospecção no terreno no âmbito deste trabalho. Pretendeu-se utilizar a metodologia de determinação de valor patrimonial proposta em Mascarenhas, Soares e Silva (1986) no âmbito de estudos de impacte ambiental, trabalho que, pese já ter alguma idade, mantém pertinência e aplicabilidade. Mas a impossibilidade de definir em concreto factores de ponderação para a maioria dos critérios necessários a essa metodologia [*estado de conservação, potencial científico, tipicidade, raridade, dimensão/extensão*] nos sítios Entrada da Barca 1 e 4 torna inexequível a sua aplicação.

Embora sejam estes sítios arqueológicos de carácter não monumental e insuficientemente caracterizados, a sua presença dentro da ZI do PIER de Entrada da Barca implica o estabelecimento de condicionantes à utilização do espaço para prevenção de afectações de vestígios conservados no subsolo. Assim, dentro do normalmente estabelecido no regime de protecção de sítios arqueológicos inventariados, propõe-se que:

- Todos os trabalhos que impliquem acções de escavação e movimentação de terras, solos ou areias em depósitos do Quaternário (tais como: abertura de valas e fundações, decapagens, desmatações, aterros, abertura de acessos e construções, etc.) na áreas assinaladas em planta como polígono de dispersão de vestígios e área de extensão estimada de vestígios arqueológicos preservados no subsolo, deverão ter acompanhamento arqueológico (Medida 1).

Será finalidade do acompanhamento arqueológico a detecção, caracterização e elaboração de propostas de medidas de protecção de todos os vestígios arqueológicos (estruturas, estratos, achados isolados) identificados em toda a área de implementação de obras futuras. Deve ser executado presencialmente por técnico superior habilitado para o efeito e autorizado por organismo da Administração Central com tutela do património arqueológico, conforme a legislação em vigor (Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos).

No que concerne ao património edificado de Entrada da Barca, propõe-se:

- A preservação física das duas casas identificadas no interior do perímetro do PIER, que são testemunhos remanescentes da construção original com alvenarias de pedra e coberturas de fibras vegetais (Medida 2)
- A recuperação de uma dessas casas, concretamente a casa (ou cabana) documentada na fotografia da década de 1960, que ainda existe e está

identificada (Fotos 9 e 11), em vez da sua demolição prevista no anteprojecto. Para tal, devem ser preservados os elementos construtivos não adulterados (paredes de alvenaria de pedra e, eventualmente madeiramentos da cobertura) e removidos os materiais estranhos à tipologia original (argamassas cimentícias, chapas da cobertura, algerozes, tubos de queda, elementos de guarnecimento de vãos, etc.). Propõe-se a reconstrução das componentes originais em falta — a cobertura com sistema de caniço, estorno e canas, com base nas técnicas tradicionalmente aplicadas. A intervenção deverá ser precedida de pesquisa de documentação fotográfica, bibliográfica e aprofundamento da recolha oral, com vista à obtenção de informação que possibilite uma reconstituição o mais fiel possível da casa/cabana original. Esta intervenção servirá para preservar um exemplo das formas de construção tradicional de habitações das comunidades agro-marítimas e/ou piscatórias do concelho de Odemira, construção em que eram utilizados recursos locais, naturais e renováveis [Medida 3].

- No Posto Fiscal do Sardão propõe-se, sem prejuízo das questões operacionais da missão da Unidade de Controle Costeiro da G.N.R., a recuperação de um dos edifícios originais situado na entrada do complexo [Foto 13], actualmente devoluto, e a sua conversão em unidade ou pólo museológico dedicado à história do contrabando marítimo antigo (tabaco, álcool, etc.) e da sua repressão exercida pelo Estado liberal instalado em meados do século XIX. Embora ilícita, esta actividade foi continuamente praticada pelas comunidades litorais do concelho de Odemira como um complemento indispensável da pequena pesca e da agricultura de subsistência. Esta relação por vezes difícil entre as comunidades e as exigências do Estado central é, simultaneamente, a essência do próprio imóvel e um elemento marcante nas memórias locais sobre o passado relacionado com o mar. O contrabando marítimo é ainda um tema pouco explorado nos discursos museológicos do país. A descentralização de unidades museológicas por núcleos interpretativos locais é uma das estratégias presentes no programa museológico do Município de Odemira [Prista, 2013].
- A articulação da valorização dos elementos de património edificado, histórico e arqueológico pode ser também realizado, num nível mais elementar, com a actualização da informação sobre o património da Entrada da Barca nas placas informativas estáticas existentes.

8. Bibliografia consultada

8.1. Impressa

ALMEIDA, João de [1947]: *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, vol. III [Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro]. Lisboa: Edição do Autor.

ALVES, Francisco; BLOT, Maria L.; RODRIGUES, Paulo; HENRIQUES, Rui; ALVES, João; DIOGO, António M. Dias; CARDOSO, João (2005): *Vestígios de naufrágios da antiguidade e da época medieval em águas portuguesas*. Comunicação apresentada ao Congresso do Mar (Nazaré, 1 e 2 de Abril de 2005). Texto disponível em <http://www.ipsiis.net/index.php?idType=7&idMenu=14&idGroup=3>.

Avaliação Ambiental da Proposta de Plano Estratégico da Operação Integrada de Requalificação e Valorização do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina – Relatório Ambiental (Anexos) [Documento para consulta], 2010, S/I, Litoral Sudoeste - Polis Litoral, Requalificação e valorização da orla costeira / DHV, S.A. [Lisboa] [documento digital].

BONNET, Charles [1850]: *Algarve (Portugal): description géographique et géologique de cette province*. Lisboa: Académie Royale des Sciences de Lisbonne.

BRUNO, Patrícia & FARIA, Paulina (2010): «Cabanais de materiais vegetais na Herdade da Comporta. Tradição construtiva e novas abordagens». *Terra em Seminário 2010 – 6º Seminário de Arquitectura de Terra em Portugal e 9º Seminário Ibero-Americano de Arquitectura e Construção com Terra*. Lisboa: Argumentum, p. 240-243.

CARDOSO, João L. (2001): «Achados subaquáticos de defesas de elefante, prováveis indicadores do comércio púnico no litoral português». In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 261-282.

CARDOSO, João L. (2016): «Vantajosas cautelas [2]. A defesa de elefante recolhida no mar ao largo do Cabo Sardão e a sua cronologia». *Al-madan*, s. II-20. Almada, p. 222-224.

DIAS, João Alveirinho (2004): «A história da evolução do litoral português nos últimos vinte milénios». In A. Tavares; M. Tavares; J. L. Cardoso (ed.) – *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos. Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 157-170.

FERNANDES, Soares [Zé Viana] [s.d.]: *São Teotónio Antigamente. Sua história, seus*

- lugares, suas gentes, coisas e...* S/l: Edição de Autor [Edição financiada pelo Município de Odemira].
- GUEDES, Lívio da Costa [1989]: *Aspectos do Reino de Portugal nos Séculos XVI e XVII. A “descrição” de Alexandre Massaii [1621] - II tratado*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar [Separata do 58.º volume do *Boletim do Arquivo Militar*].
- LEITÃO, Humberto & LOPES, Vicente [1963]: *Dicionário de Linguagem de Marinha Antiga e Actual*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, s.v. “Barca”, p. 63.
- LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DA ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO SUDOESTE ALENTEJANO E COSTA VICENTINA, 1989 [1990]: S/l, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza - Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina [documento policopiado].
- LOUREIRO, Francisco de Sales [1984]: *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LOUREIRO, Vanessa; MARTINHO, Carla [2007]: «As anforetas do Cabo Sardão». *O Arqueólogo Português*, s. IV, 25. Lisboa, p. 373-408.
- MASCARENHAS, José M.; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da [1986]: «O património histórico-cultural e os estudos de impacte ambiental: proposta de metodologia para a avaliação do impacte de barragens». *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1. Évora, p. 7-16.
- MACHADO, João Pedro [1995]: *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, s.v. “Barca” e “Bote”, p. 403 e 454.
- MEDEIROS-GOUVÊA, António de; ZBYSZEWSKI, Georges [1937]: «Observations sur le Quaternaire du littoral portugais entre l’embouchure de la rivière d’Odesseixe et celle du Rio Mira». *Compte Rendu des séances à l’Académie des Sciences de Paris*, t. 204. Paris p. 1435-1437. Disponível *on-line* em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k31562/f1435.image.langPT> [descarga em 30 Março 2013]
- MENESES, Inês S.; MENDES, Paulo D. [1996]: *Se o mar deixar. Comunidade e género numa povoação do litoral alentejano*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim [1988 [1969]]: *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando [1992]: *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- PEIXOTO, A. A. Rocha [1995]: *Etnografia portuguesa (obra etnográfica completa)*.

- Organização, prefácio, notas e bibliografia de Flávio Gonçalves. Lisboa: D. Quixote.
- PEREIRA, Ana Ramos (1990): *A plataforma litoral do Alentejo e Algarve Ocidental. Estudo de geomorfologia*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Física apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Ana Ramos (1997): «A evolução geomorfológica da Costa Sudoeste». *Setúbal Arqueológica*, vol. 11-12 [*I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - Homenagem a Georges Zbyszewski*], p. 27-38.
- PRISTA, Pedro, coord. (2013): *Ignorância e Esquecimento em Odemira / 13* (Actas do Colóquio). Odemira: Município de Odemira.
- PRISTA, Pedro (2014): *Terra palha cal. Ensaio de antropologia sobre materiais de construção vernacular em Portugal / Earth Straw Lime. Anthropological Essays on Vernacular Building Materials in Portugal*. Lisboa: Argumentum.
- QUARESMA, António Martins (2006): *Odemira histórica. Estudos e documentos*. Odemira: Município de Odemira.
- QUARESMA, António Martins (2014): *O rio Mira no sistema portuário do Litoral Alentejano*. Lisboa: Âncora.
- QUARESMA, António Martins (2014): *Vila Nova de Milfontes – História* (3.^a ed., revista). Odemira: Município de Odemira
- RAPOSO, Luís (1988): «A Pré-história Antiga na Costa Sudoeste». *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. Santiago do Cacém, 2.^a série, II, pp. 17-36.
- RAPOSO, Luís (1993): «O sítio de Palheirões do Alegria e a questão do Mirense». In J. CAMPOS CARRASCO, J. PÉREZ-MACIAS, F. GOMEZ TOSCANO (ed.s): *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana (1.º Encuentro de Arqueología del Suroeste)*. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, p. 55-69.
- RAPOSO, Luís (1997): «O Mirense e os Machados Mirenses. Algumas reflexões em voz alta». *Setúbal Arqueológica*, 11-12 [*I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski*]. Setúbal, p. 109-120.
- RAPOSO, Luís; SILVA, António Carlos (1984): «O Languedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica». *O Arqueólogo Português*, Série IV, 2, p. 87-166.
- SARMENTO, João Carlos (1995): «Portuguese-Spanish border in the XIX century. The establishment of the frontier control». *Chimera*, 10. Cork, p. 11-18.
- SERRÃO, Joel, dir. (1971): *Dicionário de História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Iniciativas

Editoriais, s.v. “Barca”, p. 299.

SILVA, A. A. Baldaque da [1891]: *Estado Actual das Pescas em Portugal [...] referido ao Anno de 1886*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional (reed. fac-similada promovida pelo Banco de Fomento Exterior, Lisboa, 1991).

VASCONCELLOS, José Leite de [1983]: *Etnografia portuguesa*. Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

VEIGA, Sebastião P. Estácio da [1891]: *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional.

VILHENA, Jorge [2013]: «Acupunctura em Odemira: dois séculos de arqueologia no vale do Mira». In Pedro Prista, coord. – *Ignorância e Esquecimento em Odemira / 13* [Actas do Colóquio]. Odemira: Município de Odemira.

VILHENA, Jorge & GRANGÉ, Mathieu [2011]: «Of Slags and Men. Iron mining and metallurgy in the Mira valley (Southwest Portugal) from Iron Age to the Middle Ages». In C. B. MARTINS, A. BETTENCOURT, J. I. MARTINS, J. CARVALHO (coords.) – *Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória / APEQ – Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, p. 83-111

ZBYSZEWSKI, Georges [1958]: *Le Quaternaire du Portugal*. Separata de *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 13 (1-2). Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 3-227.

ZBYSZEWSKI, Georges [1984]: «4. - Cenozóico – 4.1 - Estratigrafia». In J. T. OLIVEIRA (coord.) – *Carta Geológica de Portugal – Escala 1/200 000. Notícia Explicativa da Folha 7*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, p. 55-60.

ZBYSZEWSKI, Georges & FERREIRA, Octávio da Veiga [1974]: «O paleolítico do litoral do Baixo Alentejo entre a foz do rio Mira e a foz da ribeira de Odeceixe». In *Arqueologia e História*, 9ª série, 5. Lisboa, p. 397-412.

8.2. Cartografia

Carta Agrícola de Portugal, Escala métrica 1/50 000, Folha 201, 1890-1899, Direcção Geral de Agricultura, Levantada na Direcção dos Trabalhos da Carta Agrícola. Lisboa, Lithographia da Imprensa Nacional,

Carta Geológica de Portugal, Escala métrica 1/50 000, Folha 7, coordenador geral J. Tomás de Oliveira, Direcção Geral de Minas - Serviços Geológicos de Portugal.

Carta Militar de Portugal, escala métrica 1:25 000, Folha 560 - S. Teotónio (Odemira), Ed. 2, 1989; Serviços Cartográficos do Exército.

Carta de Portugal, escala métrica 1/100 000, Folha 34, 1887, Mesquita, Carvalho e Samora, Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino (sob direcção de F. Folque).

Levantamento Cadastral a Escala 1/5 000, Concelho de Odemira, Planta N. 58/234, Secção 1D, 1947 (rasterização em 12/2019, disponível *on-line* em http://www.dgterritorio.pt/cadastro/cadastro_geometrico_da_propriedade_rustica_cgpr_/consultar_seccoes_cadastrais/

8.3. Páginas de internet

Embarcações. GESTO – Grupo de Estudos do Território de Odemira. Projecto *Homo et mare – Abita – Modos de falar – Glossários* (texto de Luís Martins e Cláudia Freire, 2015). <http://gesto-odemira.pt/homo-et-mare/project/modos-de-falar/>

Narrativas lendárias ligadas ao mar. GESTO – Grupo de Estudos do Território de Odemira. Projecto *Homo et mare – Abita – História / Litoral de Odemira* (texto de Ana Sofia Ferreira e Jorge Vilhena, 2015). <http://gesto-odemira.pt/homo-et-mare/project/narrativas-lendarias/>

Portal do Arqueólogo (Endovélico). Direcção-Geral do Património Cultural. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>

Porto da Entrada da Barca, Zambujeira do Mar. GESTO – Grupo de Estudos do Território de Odemira. Projecto *Homo et mare – à Bolina – Estruturas portuárias* (texto de Luís Martins e Cláudia Freire, 2015). <http://gesto-odemira.pt/homo-et-mare/project/entrada-da-barca-zambujeira-do-mar/>

Odemira, 5 de Fevereiro de 2020



9. Documentação gráfica



Figura 1 – Localização da área do PIER de Entrada da Barca (mancha a verde), em extracto da Carta Militar de Portugal, série M 888, escala 1:25 000, Folha 560 - S. Teotónio [Odemira], edição 2, 1989, Instituto Geográfico do Exército.



Figura 2 –
Proposta final
de plano do
PIER de Entrada
da Barca
Câmara Municipal
de Odemira – Julho
2019
[planta 01-00 EB-
IMPLANTAÇÃO-
JULHO2019].



Figura 3 – Primeiro mapa de Portugal, de Fernando Seco, impresso em 1561 [in Quaresma, 2006: Fig. 127].



Figura 4 – Pormenor do mapa de Fernando Seco, de 1561, com a povoação de Sardão cartografada entre a foz do Mira e a do Seixe [in Quaresma, 2006: Fig. 128].

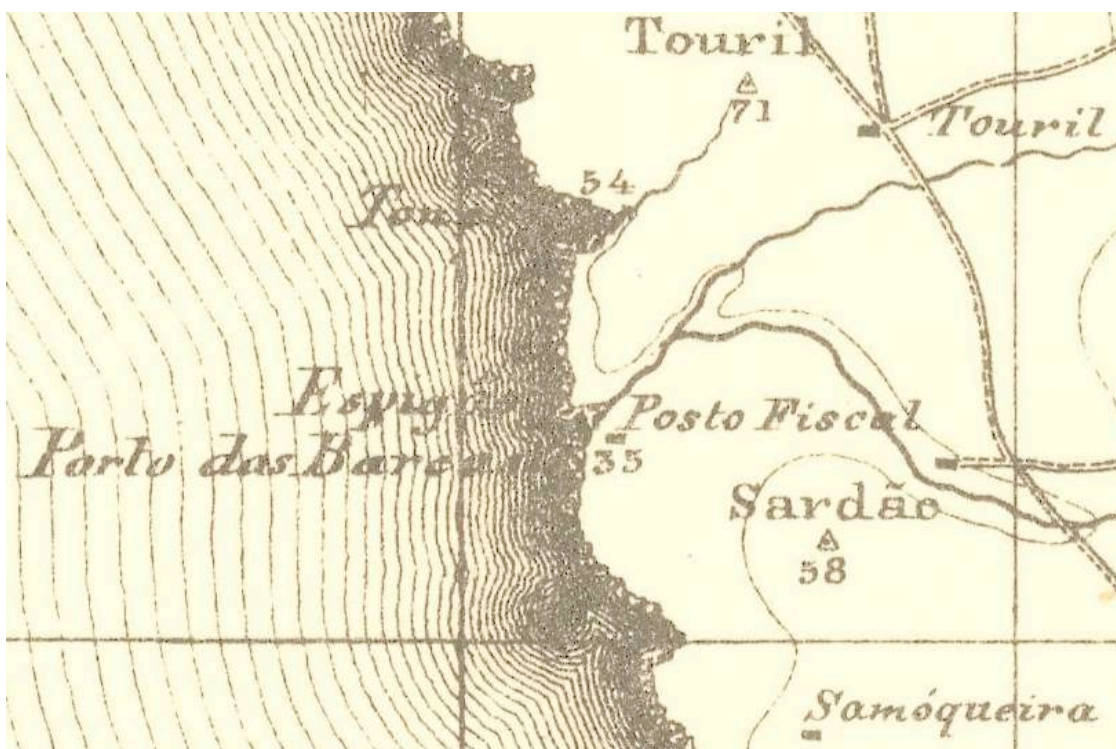


Figura 5 – Entrada da Barca em extracto da Folha 37 da *Carta de Portugal* a escala 1: 100 000, edição de 1887 sob direcção de F. Folque.



Figura 6 – Entrada da Barca em extracto da Folha 201 da *Carta Agrícola de Portugal*, escala 1: 50 000, edição de 1890-1899 sob direcção de G. Perry.



Figura 7 – Entrada da Barca em extracto da pracheta do *Levantamento Cadastral a Escala 1/5 000*, Concelho de Odemira, Planta N. 58/234, Secção 1D, 1947.



Figura 8 – Costa do Cabo Sardão a Zambujeira do Mar [Extracto da Carta de Portugal a escala 1:100 000, Folha 45 Odemira, ed. 1965, Instituto Geográfico e Cadastral].



Figura 9 – Entrada da Barca. Fotografia aérea de voo FAP de 1969
[imagem cedida por Câmara Municipal de Odemira].



Figura 10 – Entrada da Barca. Fotografia aérea de voo FAP de 1986
[imagem cedida por CMO].



Figura 11 – Localização de sítio arqueológicos
 (base: ortofotomapa 2012 - Câmara Municipal de Odemira).

10. Documentação fotográfica



Foto n.º 1 – Entrada da Barca, vista aérea década de 2000 (arquivo CMO).



Foto n.º 2 – Costa da Entrada da Barca, vista de norte (de Baía da Nau), 2015.



Foto n.º 3 – Porto de pesca da Entrada da Barca, vista de sul.



Foto n.º 4 – Enseada da Entrada da Barca, vista para oeste.



Foto n.º 5 – Parte vestibular do Barranco dos Cavalos, antes da foz na Enseada da Entrada da Barca.



Foto n.º 6 – Botes de pesca na enseada da Entrada da Barca, fotografia do arquivo da CMO [autor: Dr. Justino Abreu dos Santos, final da década de 1970].



Foto n.º 7 – Construções de carácter precário no aglomerado norte de barracas de Entrada da Barca.



Foto n.º 8 – Construções de carácter precário no aglomerado norte de barracas de Entrada da Barca.



Foto n.º 9 – Fotografia de casas de alvenaria de pedra com coberturas de materiais vegetais, década de 1960 [cedida por António J. Campo, CMO].



Foto n.º 10 – Estado actual da casas na Ponta da Santa fotografadas na década de 1960 na Foto 9.



Foto n.º 11 – Estado actual da casa fotografada na década de 1960, com a alvenaria de pedra de xisto original sob revestimento cimentício.



Foto n.º 12 – Casa junto ao Posto Fiscal com alvenaria de pedra e falsa cobertura de estorno sobre telhado de fibrocimento, final da década de 2000 (fotografia de João Mendes, CMO).



Foto n.º 13 – Edifício da década de 1920, actualmente devoluto, na entrada do recinto do Posto Fiscal do Sardão.



Foto n.º 14 – Capela de N. S.ª do Mar ou dos Navegantes na Ponta da Santa



Foto n.º 15 – Localização suposta da Atalaia do Porto das Barcas (CNS 18545), seg. Almeida, 1943.



Foto n.º 16 – Vista geral do sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015.



Foto n.º 17 - Vista geral de oeste para o sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015.



Foto n.º 18 - Vista geral de sul para o sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015



Foto n.º 19 – Topo da colina do sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015



Foto n.º 20 – Outro aspecto do topo da colina do sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015.



Foto n.º 21 – Corte no nível arqueológico de restos de talhe no lado norte do sítio Sardão 1 [CNS 37601], 2015.



Foto n.º 22 - Corte no nível arqueológico de restos de talhe no lado sul do sítio Sardão 1 [CNS 37601], 2015.



Foto n.º 23 - Corte no nível arqueológico de restos de talhe no lado oeste do sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015



Foto n.º 24 – Estrutura de lareira com restos de talhe e termoclastos (aglomerado de pedras vermelhas ao centro da imagem), no lado norte de Sardão 1 (CNS 37601), 2015.



Foto n.º 25 - Estrutura de lareira com termoclastos e restos de talhe, exposto por terraplanagem no sítio Sardão 1 (CNS 37601), 2015.



Foto n.º 26 - Vista de norte para o sítio Sardão 1 – Vila do Sardão (CNS 37597), 2015



Foto n.º 27 – Vista de oeste para o sítio Sardão 1 – Vila do Sardão [CNS 37597], 2015.



Foto n.º 28 – Aspecto do local do sítio Sardão 1 – Vila do Sardão [CNS 37597], alcaria medieval, em 2015



Foto n.º 29 – Vista de norte para o local (campo lavrado) do sítio sardão 3 (cns 37599), casal rústico de período romano, em 2015.



Foto n.º 30 - Vista de sul para o local (campo lavrado) do sítio sardão 3 (cns 37599), casal rústico de período romano, em 2015.



Foto n.º 31 – Soleira de porta no sítio Sardão 3 (cns 37599), casal rústico de período romano, 2015.



Foto n.º 32 – Cobertura de vegetação que inviabiliza observação solo para prospecção arqueológica de superfície no lado sul do PIER de Entrada da Barca, a leste do Posto Fiscal.



Foto n.º 33 - Núcleo A do sítio arqueológico Entrada da Barca 1, vista de sudoeste.



Foto n.º 34 - Núcleo A do sítio arqueológico Entrada da Barca 1, vista de noroeste.



Foto n.º 35 - Núcleo A do sítio arqueológico Entrada da Barca 1, vista de nordeste.



Foto n.º 36 – Artefactos líticos (lascas e núcleos debitados) sobre seixo de grauvaque cinzento no nível de cascalheira perto da arriba do núcleo A do sítio arqueológico Entrada da Barca 1.



Foto n.º 37 - Núcleo B do sítio arqueológico Entrada da Barca 1, vista de noroeste.



Foto n.º 38 - Núcleo B do sítio arqueológico Entrada da Barca 1, vista de sul.



Foto n.º 39 - Sítio arqueológico Entrada da Barca 4, vista de sul.



Foto n.º 40 - Sítio arqueológico Entrada da Barca 4, vista de nordeste.



Foto n.º 41 - Sítio arqueológico Entrada da Barca 4, vista de sudoeste.



Foto n.º 42 - Sítio arqueológico Entrada da Barca 4, vista de sueste.



Foto n.º 43 – Artefactos líticos de quartzito/grauvaque do núcleo A do sítio arqueológico Entrada da Barca 1.

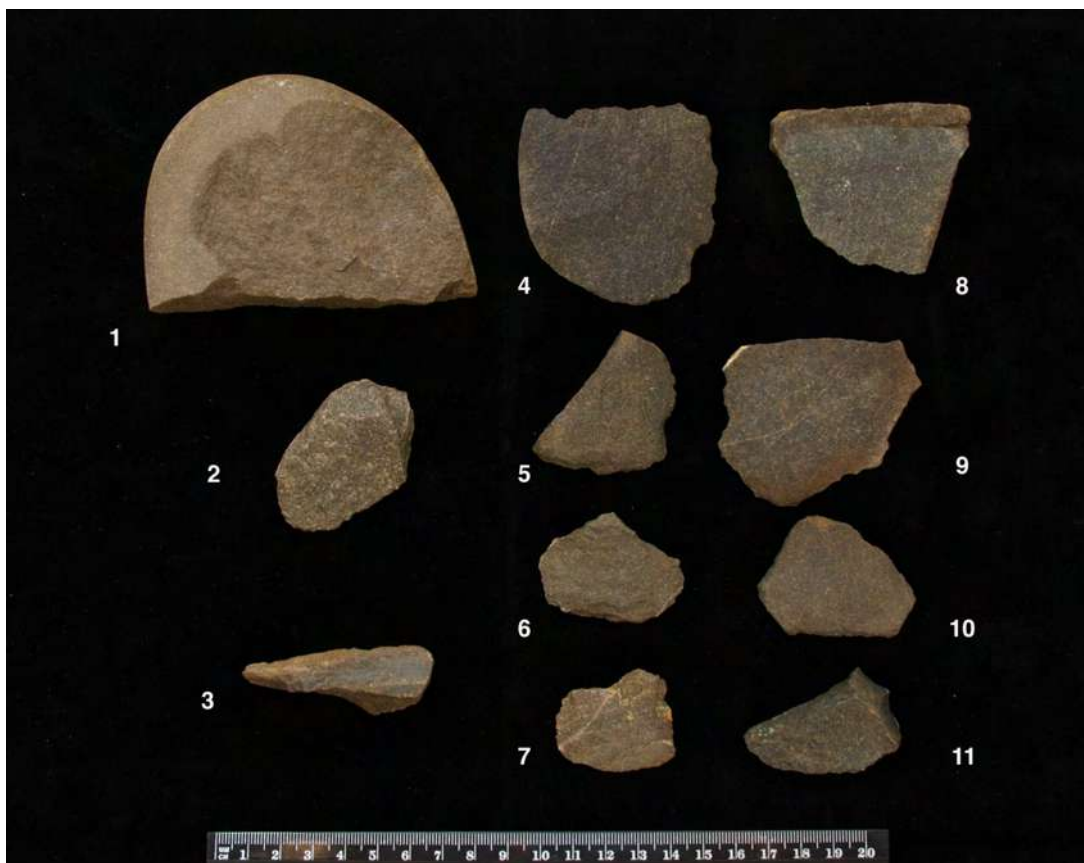


Foto n.º 44 - Artefactos líticos do núcleo A de Entrada da Barca 1 (faces opostas).



Foto n.º 45 - Artefactos líticos de quartzito/grauvaque do sítio Entrada da Barca 4.



Foto n.º 46 - Artefactos líticos do sítio arqueológico Entrada da Barca 4 (faces opostas).